UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL

UNIDADE MONTENEGRO

GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS: LICENCIATURA

ANDREIA SALVADORI

DIÁRIO DE UMA VIAGEM (RE)INVENTADA

MONTENEGRO

2014

ANDREIA SALVADORI

DIÁRIO DE UMA VIAGEM (RE)INVENTADA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.ª Me. Mariana Silva da Silva

MONTENEGRO

2014

ANDREIA SALVADORI

DIÁRIO DE UMA VIAGEM (RE)INVENTADA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.ª Me. Mariana Silva da Silva

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientadora: Prof.ª Me. Mariana Silva da Silva

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

_____

Prof.º Me. Igor Moraes Simões

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

_____

Prof.ª Me. Mariane Rotter

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

MONTENEGRO

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S182d Salvadori, Andreia
Diário de uma viagem (re)inventada. –Montenegro, 2014.
89 f., il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais , 2014.
Orientador: Profª. Me. Mariana Silva da Silva.

1.Diário de viagem. 2. Narrativa. 3. Exposição. I. Silva, Mariana Silva da. II. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Uergs

Dedico este trabalho a Você Maria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo Dom da Vida e por tudo o que nos proporciona.

Aos meus pais Benito e Nilva que muito me apoiaram desde o início dessa conquista com muito amor, carinho e preocupação mesmo estando longe. Pelas comidas deliciosas da mamis e os chimarrões do pai nas voltas para casa.

Ao meu irmão Maico Luis, pela amizade e disponibilidade em sempre fazer os meus pedidos de suportes e molduras para os trabalhos.

Aos meus dindos e dindas Adiles, João e Antônia pelo ânimo e apoio que sempre me deram.

Aos participantes do Grupo de Oração São Domingos Sávio que esteve sempre comigo desde o início dessa graduação sendo minha segunda família nesta cidade.

A Carla e a Ana Maria, minhas irmãs que Deus me deu neste curto período, mas que se tornou uma amizade duradoura. Obrigada pelo carinho e orações de vocês.

A todos meus amigos e amigas, cada um foi especial e contribuiu na minha formação pessoal e profissional.

Aos meus colegas das Artes Visuais obrigada pelo apoio, espontaneidade e alegria na troca de informações. Em especial a Tatiane que esteve comigo desde o começo e pelas suas jantas deliciosas que transformaram as preocupações em ânimos.

A minha querida orientadora Professora Me. Mariana Silva da Silva, por todo seu apoio, confiança e dedicação durante todos os dias, pelos passeios divertidos e fôlders de exposições de suas viagens.

Aos professores Carmen L. Capra, Igor M. Simões e Mariane Rotter, que me ajudaram a superar obstáculos, tornaram o período da graduação um momento único, sobre tudo, divertido.

Aos professores e colegas da Dança, Música e Teatro pelas trocas de experiências, risadas e trabalhos realizados juntos.

Enfim, a todos que de alguma maneira participou da minha formação, contribuindo com meu sucesso dando-me forças para ser cada vez melhor, o meu muito obrigada.

“Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!
Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E a ânsia de o conseguir!
Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu”.

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho apresenta minha pesquisa poética sobre um *Diário de uma viagem (re)inventada*, que tem por objetivo recriar uma viagem a partir das narrativas de áudio de pessoas que moram em outros países. Este diário de curiosidades teve início nos encontros promovidos pela Igreja Católica Apostólica Romana, proporcionando contatos e trocas de experiências. As pessoas originárias de países como Alemanha, Argentina, Canadá, China, Filipinas, Holanda, México, Peru, Portugal, Singapura, Uganda, Uruguai e Venezuela gravaram narrativas sobre suas culturas, economias, religiões e geografias, permitindo que eu me apropriasse de suas falas para criar uma viagem, permeada de coleções. A reunião de elementos naturais, artefatos e fotografias fazem parte de uma viagem reinventada, resultando em uma exposição destas coleções particulares. O trabalho traça ainda um mapeamento de artistas contemporâneos que configuram em suas obras coleções, museus e mapas afetivos. A pesquisa também apresenta uma relação com a literatura e a narrativa sobrepondo noções de realidade e ficção.

Palavras-chave: Diário de Viagem. Narrativa. Coleção. Exposição.

ABSTRACT

This paper presents my research on a poetic diary of a journey (re) invented, which aims to recreate a travel from audio narratives of people who live abroad. My research began in workshops sponsored by the Roman Catholic Church, providing contacts and exchanges of experiences. People from countries like Germany, Argentina, Canada, China, Philippines, Mexico, Netherlands, Peru, Portugal, Singapore, Uganda, Uruguay and Venezuela recorded narratives about their cultures, economies, religions and geographies, allowing me collecting their lines to create a journey. The gathering of natural elements, artifacts and photographs are part of a reinvented journey, resulting in an exhibition of these private collections. The paper also outlines a mapping that shape contemporary artists as collectors, museums and affective maps. The research also shows a relationship with literature and narrative overlapping notions of reality and fiction.

Keywords: Travel Journal. Narrative. Collection. Exhibition.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – **Alemães. Açorianos. Italianos.** Andreia Salvadori, Óleo sobre tela, 80x100 cm, 2012.....18 e 19
Imagem 2 – **Els segadors**, Coco Fusco, 2001, Still do vídeo. 21', Coleção MACBA.....20
Imagem 3 – **Encontro Mundial de Jovens Católicos da RCC em Foz do Iguaçu**, fotografia, 2012.....23
Imagem 4 – **Apresentações Artísticas no Encontro Mundial de Jovens Católicos da RCC em Foz do Iguaçu**, fotografia, 2012.....23
Imagem 5 – **Mapa do País Nárnia,** Graham Greenfield e Eric Beddows.....27
Imagem 6 – **Eu e o livro** (registro do livro), Andreia Salvadori, fotografia, 2014.....28
Imagem 7 – **Árvore de Auaí**, André Thevet, xilogravura, s/d.....31
Imagem 8 – **Retrato do Tucano**, André Thevet, xilogravura, s/d.....31
Imagem 9 – **Peixe voador visto pelo autor**, André Thevet, xilogravura, s/d.....31
Imagem 10 – **Dança dos Tarairiu (Tapuias)**, óleo sobre tela, 172x295 cm, Nationalmuseet (Copenhague, Dinamarca), s.d.....32
Imagem 11 – **Bananas, goiaba e outras frutas**, óleo sobre tela 91x91 cm, Nationalmuseet (Copenhague, Dinamarca) s.d.....33
Imagem 12 – **EMJRCC - Encontro Mundial de Jovens Católicos da RCC em Foz do Iguaçu**, fotografia, 2012.....37
Imagem 13 – **Anotações sobre a África**, Andreia Salvadori, 2013..... 40
Imagem 14 – **Anotações sobre o Peru**, Andreia Salvadori, 2014.....43
Imagem 15 – **Vegetações nativas**, Andreia Salvadori, monotipia, dimensões variadas, 2014.....48 e 49
Imagem 16 – **Apresentações cartográficas de terras longínquas**, Andreia Salvadori, relevo seco sobre papel com terra, 25x35 cm 2014.....51
Imagem 17 – **Mapa I – Paris,** Marina Camargo, desenho impresso sobre papel, 50x70 cm, 2003.....52
Imagem 18 – **Naked City - Guia Pscicogeográfico de Paris**, Internacional Situacionista, impresso,1957.....53
Imagem 19 – **Deslocar. Viajar**, Andreia Salvadori, óleo sobre papel, 26x34 cm e 15x15 cm, 2013.....53
Imagem 20 – **Musée d'Art Moderne**, **Département des Aigles**, Seção Financeira, dimensões variáveis.....55
Imagem 21 – **Elementos naturais de todos os continentes**, Andreia Salvadori, objetos, dimensões variáveis, 2010 a 2014.....59
Imagem 22 – **Borboletas de todos os continentes**, Andreia Salvadori, coleção de borboletas, dimensões variáveis, 2009 a 2014.....60
Imagem 23 – **Artefatos e artesanatos**, Andreia Salvadori, objetos, dimensões variáveis, 2012 a 2014.....61
Imagem 24 – **Aula de Geografia por Luigi Salvadori**, Andreia Salvadori, caderneta, 1941/2014.....62
Imagem 25 – **Módulo Itinerante do Museu do Sabão**, Mabe Bethônico, instalação, dimensões variáveis, 1996.....63
Imagem 26 – **O Colecionador**, Mabe Bethônico, instalação, dimensões variáveis, 1996.....64

Imagem 27 – **Fotografias antigas**, Andreia Salvadori, coleção de fotografias a partir da década de 1930, dimensões variáveis, 2014.....67 e 68
Imagem 28 – **Fotografias de viagens**, Andreia Salvadori, coleção de fotografias, dimensões variáveis, 2010 a 2014.....69, 70, 71, 72 e 73
Imagem 29 – **40 Nego Bom é um real** (parte da instalação Museu do Homem do Nordeste), Jonathas de Andrade, dimensões variáveis, 2013.....74
Imagem 30 - **Ritratto Del museo,** Ferrante Imperato, gravura em metal, 1599.....77
Imagem 31 – **Kunst und Raritätenjammer**, Frans II Francken, óleo sobre madeira, 74x78 cm, 1636.....78
Imagem 32 – **Planta baixa da Galeria Loide Schwambach**, 2014.....79
Imagem 33 – **Desenho do projeto da exposição na Galeria Loide Schwambach**, Andreia Salvadori, desenho sobre papel, 2014.....79
Imagem 34 – **O Diário da viagem (re)inventada**, Andreia Salvadori, fotografia 2014.....88
Imagem 35 – **Exposição para a defesa da Banca no dia 04 de dezembro de 2014 na Galeria Loide Schwambach**, Andreia Salvadori, fotografia, 2014.....88 e 89

SUMÁRIO

1. PLANEJAR A VIAGEM.....13
2. EMBARQUE IMEDIATO.....16
3. UMA VIAGEM SEM SAIR DO PRÓPRIO LUGAR.....25
3.1 NARRAR A VIAGEM.....34
3.2 DA NARRATIVA PARA OS LEITORES/VIAJANTES.....36
3.2.1 Venezuela.....37
3.2.2 Portugal.....38
3.2.3 Uganda.....39
3.2.4 Uruguai.....40
3.2.5 México.....41
3.2.6 Argentina.....42
3.2.7 Peru.....42
3.2.8 Alemanha, Canadá, Cingapura, China, Filipinas e Holanda.....43
3.3 EXPERIÊNCIAS DE VIAGEM.....44
3.4 MAPEAR A VIAGEM.....48
4. CONHECER UM MUNDO (RE)CRIADO.....54
4.1ELEMENTOS NATURAIS E ARTEFATOS DE TODOS OS CONTINENTES.....58
4.2 COLEÇÕES DAS FOTOGRAFIAS DAS VIAGENS.....67
5. APRESENTAR A VIAGEM.....75
6. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIAGEM.....81
7. REFERÊNCIAS.....85
8. ANEXOS.....87

1. PLANEJAR A VIAGEM

Minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso apresenta a retomada de minhas experiências com pessoas de outros países em encontros religiosos, étnicos e linguísticos. O primeiro capítulo é o ponto de partida para essa viagem reinventada.

No segundo capítulo intitulado *Embarque Imediato* trato de memórias e brincadeiras de infância que me levou a pesquisar um trabalho desenvolvido na disciplina de Linguagem e Expressão Pictórica IV, 2012-1, intitulada Re/Pintar. Esse trabalho tem como ponto específico a questão dialética e a escolha de três culturas do Rio Grande do Sul tais como: Italiana, Alemã e Açoriana.

Durante o texto permeei os escritos citando termos relacionados às culturas, que no início foi um ponto importante para o desenvolvimento e compreensão de significados do mundo e de viagens como elemento norteador de minha pesquisa artística.

Para o terceiro capítulo busco realizar *Uma viagem sem sair do próprio lugar*, apresentando os escritores Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, que escreveram suas aventuras em muitos lugares do nosso planeta. São lugares que existem, estão nos mapas literários, criando acontecimentos e personagens imaginários, que permeiam a literatura.

O livro *Viagem ao Redor do meu Quarto* de Xavier de Maistre, foi que despertou minha curiosidade em fazer do trabalho um guia de viagem (re)inventada sem sair do meu próprio país.

Os artistas viajantes que se deslocavam para outros lugares para conhecer e registrar através de várias técnicas como desenho, pintura, gravura o que viram e conheceram resultando numa forma de diário de viagem, relacionando tudo isso com o ato de viajar, descobrir e deslocar foi o segundo ponto de referência para minha viagem.

Também descrevo neste capítulo como eu consegui as narrativas em áudio das pessoas que participaram de meu trabalho. Os países que participaram foram; Alemanha, Argentina, Canadá, China, Filipinas, Holanda, México, Peru, Portugal,

Singapura, Uganda, Uruguai e Venezuela, que deu-se através do meu contato pessoal, ou de amigos e colegas.

A experiência de viajar, deslocar-se não se resume em apenas conhecer lugares distantes, também é uma experiência pessoal, uma forma de conhecer culturas. Essa experiência não condiz com a distância de quilometragem percorrida, mas sim com a oportunidade de fazer daquele lugar diferente a própria experiência.

Como referência aos *mapas afetivos* citei as artistas Marina Camargo e os Situacionistas que escreveram e realizaram vários tipos de mapas.

No quarto capítulo *Conhecer um mundo (re)criado,* descrevo meu trabalho que é permeado por mapas, escritos, fotografias, coleções de elementos naturais, artesanato e relatos oriundos de outros países. Nesse capítulo citei artistas como Marcel Broodthaers com seu *Museu de Águias* e Mabe Bethônico com as obras *Módulo Itinerante do Museu do Sabão e O colecionador.*

No quinto capítulo *Apresentar a vigem* é a exposição da viagem (re)criada sem se deslocar do próprio lugar. Esse lugar físico, confortável ou não, conhecido ou não é trocado por um lugar de passagens imaginárias, virtuais, sonhadas, que não têm trocas de contatos físicos, passando a ser um lugar ou paisagem imaginária, recriada a partir de nossas lembranças de vivências, sons e imagens gravadas ou guardadas. Realizar a curadoria de uma exposição, decidir o que colocar exposto, realizar meu gabinete de curiosidades, e para isso busquei em Rejane Cintrão a ideia de uma exposição dialogando com a minha ideia.

Por fim o trabalho *Diário de Uma Viagem (Re)inventada* é a minha viagem, é a minha pesquisa, é o meu processo que se conclui e apresenta com um todo neste momento, mas, que não termina aqui. Porque minhas coleções continuarão, minhas viagens continuarão, minhas questões se aprofundarão, minhas narrativas tomarão novas formas e imagens.

2. EMBARQUE IMEDIATO

Pensamentos fazem relembrar nossas vivências. E nestas retomada das experiências que percebemos o que nos interessa mais, o que chama mais atenção, o que foi mais importante para nós.

Na minha infância brinquei de boneca, costurei roupas para elas. Não tive uma Barbie porque custava caro, mas me diverti descendo lombas com carrinho de mão, tomando banho de arroio, jogando futebol com meus vizinhos, brincando no barro, fazendo comidinha com leite de vaca escondida, lendo livros de romances, viagens inventadas, viagens bíblicas, viagens pelo planeta.

Ficava imaginando como era no outro lado do mundo, brincava com minhas primas que se nós cavássemos um buraco muito fundo na terra iríamos sair no Japão e a partir dessa brincadeira imaginávamos como seria esse lugar, o que faríamos lá? Como iríamos nos vestir? Assim nossas invenções ganhavam assas para a imaginação, até tentávamos falar uma língua diferente para experimentar essas diferenças culturais.

Tive duas experiências que foram marcantes para começar a pesquisa deste trabalho; uma delas é a ida da minha prima para a Alemanha, porque tinha se casado com um alemão e ele teve que retornar ao seu país. A outra foi um amigo meu ter ido passear na Itália por um curto prazo de dois meses. Nas poucas vezes em que falei por telefone com essas pessoas, no tempo que estavam morando no exterior, eu queria saber tudo, queria que descrevessem com mínimos detalhes como era viver em outro local bem distante daqui, que para mim parecia uma impossibilidade. Eu também viajava durante a conversas por telefone.

Na universidade, alguns de meus trabalhos fizeram referência à minha descendência italiana, como a pesquisa realizada para a disciplina de Linguagem e Expressão Pictórica IV, 2012-1, que teve como objetivo pesquisar as etnias açoriana, alemã e italiana no Rio Grande do Sul. Passei a perguntar para meus pais e tios sobre meus avós e bisavós, que eram imigrantes italianos e com essa

miscigenação que há em nossas cidades perderam um pouco da cultura original para habituar-se no novo lugar, diferente daquele de sua origem.

Desloquei-me até o local escolhido e conversei com os entrevistados; açoriano de Porto Alegre, o italiano de Coronel Pilar e os alemães de Capela de Santana. Através deles conhecendo um pouco como estas etnias se estabeleceram nestes locais para continuar vivendo perto de seus familiares, ou até por não ter oportunidade de ir para outros lugares, passando dificuldades desde a construção da casa até alimentar as famílias que eram bem mais numerosas que as atuais. Além das informações em livros, minha escolha foi ouvi-los pessoalmente o que cada um tinha para me relatar.

Neste trabalho, realizei entrevistas com descendentes de três etnias, filmando as pessoas, porque o sotaque era uma questão relevante neste trabalho. Partindo dessas histórias e registros, eu pintei três telas de cada etnia no tamanho de 100x80 cm. Em cada obra apropriei-me das palavras faladas nos relatos, e, escrevi sobre a tela essas palavras com a ajuda do dicionário alemão e italiano. Palavras ditas pelos narradores que fizeram parte do vídeo e importantes na representação da pintura.

Imagem 1 – **Alemães. Açorianos. Italianos.** Andreia Salvadori,
Óleo sobre tela, 80x100 cm 2012.

Fonte: Acervo pessoal.

Muitas colônias italianas e alemãs eram situadas em regiões isoladas, permitindo assim a continuação do uso da fala dialetal por gerações. Mas hoje, perdeu-se boa parte do dialeto. Com a mescla de etnias é difícil encontrar pessoas que falem somente o dialeto da etnia.

Para mim este trabalho aproximou-se com a obra "*Els segadors*" (Os ceifadores) de Coco Fusco (1960 Cuba), que mora em Nova York. A partir de um hino catalão fez uma reflexão sobre as mudanças demográficas da cidade de Barcelona, questionando o que seria a identidade local depois de grandes imigrações na Catalunha, onde é falado principalmente o catalão. Por questões governamentais houve ameaça cultural em "[...] referência aos filhos dos imigrantes, sobre como eles ameaçavam a cultura local ao não falar o catalão". (BIENAL MERCOSUL, 2011, p. 83). Neste trabalho, Fusco anuncia nos jornais de Barcelona que procura atores e atrizes para cantar canções catalãs com o objetivo de gravar um filme norte americano.

Imagem 2 – **Els segadors**, Coco Fusco, 2001, Still do vídeo. 21', Coleção MACBA.

Fonte: Site Bienal Mercosul.[1]

Gostaria de salientar, portanto, que é importante para esse trabalho abordar o termo "cultura" para apresentar as diferentes variações de povos e países. Conhecer e entender os sentidos de uma realidade cultural daqueles que vivem e expressam seus costumes no dia a dia, do seu povo, na sua sociedade, no seu país.

No *Dicionário Crítico de Política Cultural* (1997) o museólogo e professor universitário Teixeira Coelho (1944 Brasil), apresenta de modo organizando o conjunto de termos que caracteriza o domínio da Política Cultural, com o objetivo de um trabalho que não apenas cria sentidos ou identifica um conjunto de termos, ou ainda decide quais participam dele com suas definições, mas tem como objetivo construir um vocabulário "[...], neste caso o vocabulário de Política Cultural, a partir do que é dado materialmente nos textos produzidos na área e reconhecidos por aqueles que dela participam [...]" (1997, p. 16) assim ele propõe mostrar, definir e ampliar sobre o termo "cultura" e eu o relaciono com o meu trabalho citando-o vários deles.

Para Coelho, Cultura Oficial é: "Cultura ordenadora, institucional, compiladora, que alegadamente expressa o espírito de um lugar ou de uma época. Não sufoca modos culturais alternativos, mas tende a colocá-los em guetos [...]" (1997, p. 114), e nem sempre é a cultura dominante.

---

[1] Disponível em: <http://www.bienalmercosul.art.br/artista/220>. Acesso em: 15 mai. 2013.

O termo Cultura Política é um

> "[...] conjunto de atitudes, normas e crenças de algum modo e em alguma extensão partilhadas pelos membros de determinada comunidade social e tendo como objeto fenômenos políticos". (COELHO, 1997, p. 118).

Essa questão política tende a ser aceita como normas dos direitos e deveres das decisões da maioria cumprindo-as como leis que compõem os conhecimentos sobre as forças, as prática e instituições políticas, mas que promove para o grupo um equilíbrio social. Pode ainda ser compreendida como orientação psicológica pelos modos que "[...] diferentes grupos tomam decisões, suas normas e atitudes, suas relações com o governo e os concidadãos [...]" (COELHO, 1997, p. 118).

Em sua "[...] conceituação mais ampla, cultura remete à ideia de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante [...]" (COELHO, 1997, p. 102), respondendo assim as necessidades e desejos simbólicos.

No meu trabalho eu também apresento de forma, expositiva esses conjuntos de atitudes, normas e crenças de vários grupos sociais através das narrativas em áudio, elementos naturais e artefatos.

Dando continuidade para essa pesquisa e acrescentando minhas experiências pessoais com a Religião, em que tive oportunidade de participar de encontros mundiais, comecei a desenvolver um novo trabalho artístico que ocorreu em julho de 2012 quando eu participei do Encontro Mundial de Jovens Católicos– EMJRCC, organizado pela Renovação Carismática Católica - RCC[2] em Foz do Iguaçu - Paraná. Estando presentes no local mais de 120 países, com suas culturas, raças, cores e línguas diversificadas, observei que se tratava de diversas diferenças culturais, com suas questões próprias. Isso aumentou meu interesse principalmente quando comecei a estudá-las historicamente.

---

[2] RCC- Renovação Carismática Católica - Movimento da Igreja.

Durante os seis dias do encontro, eu olhava todos aqueles participantes que eram em torno de cinco mil e pensava como havia tantas pessoas do mundo inteiro naquele único lugar, e elas estavam ali somente por uma causa que era a missão de evangelização. Foi então que pude perceber que eu poderia trazer para a arte as minhas experiências. Eu queria conhecer as pessoas, conversar, saber como era o local que eles viviam, mas foi um pouco difícil porque eu não falava outra língua. O que facilitou meu contato foi com as pessoas que falavam espanhol e italiano. Esses estrangeiros quase não falavam nada em português. Neste evento ocorreram muitas apresentações culturais como: danças, músicas e encenações. Nas apresentações minha curiosidade aumentava.

Tive a oportunidade de conversar com pessoas da Venezuela, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Itália, Canadá, África, Correia do Sul, Angola, entre outras. E durante essas conversas eu gravei dois áudios, um com as italianas e o outro com a venezuelana, respondendo as minhas perguntas: O que tinham achado do Brasil? E do encontro? E quais as diferenças entre o meu país e o país delas?

Diante dessas gravações de vídeos não saberia eu que já estava dando continuidade ao trabalho das etnias, porque esse encontro aconteceu depois desse trabalho citado anteriormente.

Filmei-os, fotografei-os com suas bandeiras, troquei contatos de mensagens eletrônicas. Olhava para tudo o que estava acontecendo e tinha uma imensa vontade de expor e guardar de alguma forma tudo isso.

Imagem 3 – **Encontro Mundial de Jovens Católicos da RCC em Foz do Iguaçu**, fotografias, 2012.

Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 4 – **Apresentações Artísticas no Encontro Mundial de Jovens Católicos da RCC em Foz do Iguaçu**, fotografias, 2012.

Fonte: Acervo pessoal.

Em meu trabalho de conclusão de curso, continuo com a pesquisa das entrevistas, pretendo, contudo, expandir mais a questão de culturas, convidando pessoas que moram em outros países a participar deste processo de conhecimento e relato do seu *habitat*.

A partir dos contatos e entrevistas, pretendo que estas pessoas me ajudem a imaginar e recriar o lugar em que vivem. Falando sobre a cultura local, o clima, a geografia, a religião, a economia, a gastronomia, se é natural do país ou é imigrante ou, se é emigrante naquela cidade. Abordo questões cotidianas reflexivas sobre o local que as pessoas vivem e como experimentam estes lugares.

Não pretendo realizar propriamente uma pesquisa sociológica ou estritamente geográfica, baseio-me nas narrativas coletadas pelos participantes para criar meu trabalho artístico. Cada pessoa tem diferentes modos de guardar suas experiências, a geografia da memória de um lugar, hábitos, costumes, cultura, todo este conjunto constituirá um repertório rico para armazenar lembranças e histórias de vida, que não ficarão paradas ou concluídas somente nesse relato.

3. UMA VIAGEM SEM SAIR DO PRÓPRIO LUGAR

Para Coelho, o termo imaginário

> [...] é conjunto das imagens e relações de imagens produzidas pelo homem a partir, de um lado, de formas tanto quanto possível universais e invariantes - e que derivam de sua inserção física, comportamental, no mundo - e, de outro, de formas geradas em contextos particulares historicamente determináveis. (COELHO, 1997, p. 222).

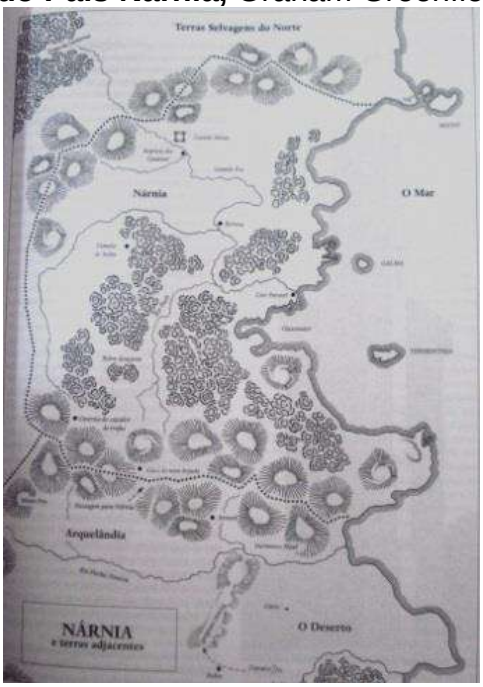
Os dois eixos se convergem para um ponto comum, se era possível a separação de ambos o primeiro abordaria efeitos do mundo e o segundo pelo efeito representação e discurso desse mundo no qual as pessoas estão inseridas. O estudo do imaginário está na política cultural com as necessidades e desejos dos grupos predominantes.

Aproximo-me de Alberto Manguel (1948, Buenos Aires) e Gianni Guadalupi (1943, Itália), ambos escritores, que no livro *Dicionário de Lugares Imaginários* (2003), escrevem suas aventuras em muitos lugares do nosso planeta. São lugares que existem na literatura, que podem estar nos mapas da geografia oficial ou não, em que os autores instauraram suas visões, criando acontecimentos e personagens imaginários, que permeiam a literatura.

Num período de mais de dois anos os escritores visitaram de forma literária mais de dois mil lugares, alguns desses lugares são esquecidos, desconhecidos, que escondem muitos mistérios: “O universo imaginário é de uma riqueza e de uma diversidade espantosa: mundos criados para satisfazer um desejo urgente de perfeição, utopias imaculadas [...]” (MANGUEL, GUADALUPI. 2003, p. VIII). Para ajudar nessas aventuras, acompanham o texto ilustrações, mapas e plantas explicando graficamente o cenário de algumas histórias.

A ilustração a seguir é do relato do *País Nárnia,* que descreve o local, seus habitantes e lugares de acesso para se chegar até lá. Um país que está entre cadeias de montanhas ao sul, ao norte, os pântanos, a leste, o mar e a oeste, montanhas e penhascos. Existe um grande rio que corta todo o país com um buraco profundo com águas borbulhentas. Nárnia foi criado por Aslan, um grande leão com sua imensa força física, com muita delicadeza e sabedoria.

Imagem 5 - **Mapa do País Nárnia,** Graham Greenfield e Eric Beddows.



Fonte: MANGUEL; GUADALUPI. 2003, p. 295.

O impacto maior é sua maravilhosa voz, que até o céu trocava de cor, escuro para claro e depois de rosa para ouro, cor do sol nascente conforme diz a lenda. Alguns lugares notáveis são: o Túmulo de Aslan que fica numa colina artificial e o Castelo de Cair Paravel.

“A maioria dos habitantes do país preferem viver nas árvores ou em tocas, embora algumas, como os faunos, amantes do conforto, possuam salas subterrâneas bem mobiliadas com coleções de livros [...]” (MANGUEL; GUADALUPI. 2003, p. 296). Um dos costumes mais curiosos deste país é o Baile da Neve que acontece anualmente, na primeira noite de lua cheia, após o solo estar coberto de neve. “Os faunos e as dríades executam uma dança complexa, cercados por anões vestidos com suas melhores roupas escarlates, capuzes de pele, e botas altas, que jogam bolas de neve ao ritmo da música”. (MANGUEL; GUADALUPI. 2003, p. 297).

Assim os autores vão colocando personagens na história, fazendo com que o leitor fique entusiasmado e viaje nela, e como numa espécie de guia turístico, fornecem dicas dos lugares para seguir e o que poderíamos fazer.

Esta referência ajudou-me a encontrar espaço e legitimidade para o meu processo de criação. A cidade pensada através dos mapas é um percurso visual e

memoriável, do relato, da fala, da descrição de outras pessoas mesmo sem eu ter o contato presencial com elas.

O livro *Le Guide des Cités* (2011) de Schuíten – Peeters é um guia de viagem com mais de 300 ilustrações que informam o que há em uma cidade imaginária. Como neste livro, eu também proponho criar representações dos países ditos “desconhecidos” fisicamente e “conhecidos” através de relatos com sua vegetação, clima, habitantes, mapa, cidade, história, cultura.

Imagem 6 – **Eu e o livro** (registro do livro), Andreia Salvadori, fotografia, 2014.

Fonte: Acervo pessoal.

Foi também a partir do livro *Viagem ao Redor do meu Quarto* (1998) do filósofo, político e escritor Xavier de Maistre (1763-1852 França) que comecei a pensar numa viagem reinventada, recriada, em que o autor realizou uma viagem de quarenta e dois dias (número de capítulos) nos limites de seu quarto, indo da cama à poltrona, da poltrona à escrivaninha, e tornou público a experiência neste livro. Como o autor descreveu é uma viagem cheia de interessantes observações, prazer contínuo durante o longo caminho, sem custo nenhum, um convite irrecusável para se abandonar nas ideias, para rir nas longas jornadas do caminho, e “[...] entregando-nos jovialmente à imaginação, seguiremos por toda a parte, por onde lhe aprouver conduzir-nos”. (MAISTRE, 1998, p. 21). Na sua vida foi viajante e habitante de vários países, mas, na literatura foi onde viajou para tantos outros mundos que

propiciou levar-nos em lugares grandes com apenas o deslocamento imaginário e pouco real.

O sonho, os pensamentos e a lógica tortuosa do narrador destacou-se na narrativa, razão pela qual se pode dizer que a viagem é ao redor da mente e das razões humanas e não exatamente em torno do quarto. Assim ele escreve: “Proibiram-me de percorrer uma cidade, um ponto; mas deixaram-me o universo inteiro: a imensidade e a eternidade estão às minhas ordens” (MAISTRE, 1998, p. 97), refletindo uma situação existencial precária.

As imagens criadas por mim que estão mais adiante no texto participam da construção de uma identidade imaginária dos países com mapas, fotografias, impressões e coleções particulares, que apresenta o meu olhar para cada um deles. Trabalhos provindos do ato de ouvir, imaginar e apresentar de um novo visual de cultura, costumes, terra, floresta. O imaginário derivado da relação Brasil com o mundo gera imagens e escritos que contribui informando a dimensão da minha memória. Propõe-se que sejam feitas diferentes leituras na medida em que se envolvem num espaço expositivo, inúmeras são essas viagens que percorrem os registros dos nossos olhares e das relações que se estabelecem no local de permanência na exposição.

Tomo como referência o trabalho dos artistas viajantes como, por exemplo, de Jean de Léry (1534–1611 França), que criou sua produção com olhar imaginário e Debret (1768–1848 França) com um olhar científico nos diários de viagens, desenhos, aquarelas, pinturas, gravuras e mapas ligados ao ato de viajar, deslocando-se em vários espaços conquistados, aventurando-se nas descobertas de paisagens, descobrindo animais e tipos de humanos diferentes, oportunizando uma viagem imaginária a partir dos escritos literários e ilustrações que esses artistas criaram. Diferente de mim esses artistas deslocaram-se até esses locais. Eu não me desloquei fisicamente, mas, aproximo-me de seus trabalhos pelos estudos, registros, anotações que fizeram a partir das viagens.

Nos registros dos artistas viajantes, encontramos muitos relatos sobre desbravar terras ainda não habitadas, explorar as riquezas naturais, coletar informações e representações dos habitantes[3], da natureza, animais e vegetais. Estes viajantes mostraram curiosidade e espanto diante do novo mundo que descobriram. Assim, a arte também exerceu um papel de observação científica, e para a ciência como instrumento de registro.

Esses artistas fizeram parte das *expedições artísticas e científicas*[4] nas Américas, cuja finalidade era registrar a fauna, a flora e o povo que aqui habitava no Século XVI. Seus relatos e registros pictóricos descreveram novas paisagens. Partindo do ponto de vista dos artistas, podemos analisar as obras permeadas pela antropologia, geografia, história da arte e da cultura.

São vários os nomes importantes que vieram ao Brasil para fazer os registros artísticos, mas, cito dois. O primeiro é o Frei francês André Thevet (1502-1592 França), que embarcou para o Rio de Janeiro, na frota do Almirante Nicolas Durand de Villegagnon (1510-1571 França), estabelecendo-se em terras brasileiras durante três meses em 1555. Observava a natureza e os indígenas da Baía de Guanabara. Foi o grande responsável pela vulgarização da expressão "França Antártica", referindo-se à experiência colonial, francesa na Baía da Guanabara. Escreveu um livro descrevendo inúmeras coisas que observou, publicado em Paris, *Lessingularites de la France antarctique.* (As singularidades da França Antártica) 1558, cuja as ilustrações são xilogravuras.

Em seus escritos, localizou e descreveu os lugares, definiu o clima, os mares, a terra firme, as ilhas, a temperatura, o modo de vida dos habitantes e seus costumes. Em suas ilustrações caracterizaram de forma detalhada os animais

---

[3] Representação dos habitantes = etnologia: “Ramo das ciências humanas que tem por objeto o conhecimento do conjunto dos caracteres de cada etnia, a fim de estabelecer as linhas gerais da estrutura e da evolução das sociedades”. Disponível em: http://www.dicio.com.br/etnologia/>. Acesso em: 31 ago. 2014.

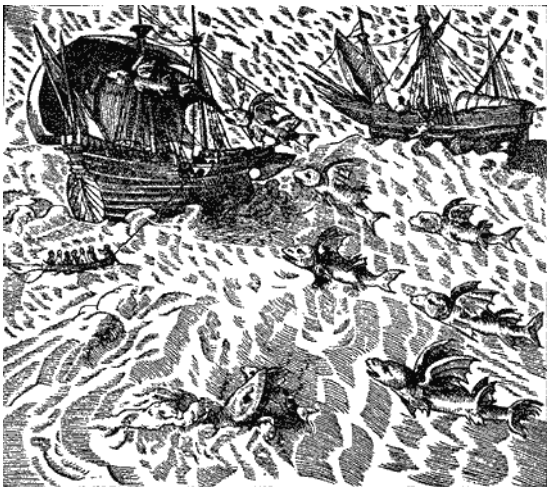
[4] Itaú Cultural: Artistas Viajantes. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3778&cd_item=8&cd_idioma=28555>. Acesso em: 22 ago. 2014.

terrestres e aquáticos, as árvores, as frutas, as pedras preciosas e os minerais, um testemunho visual de suas experiências com máxima fidelidade.

Imagem 7 – **Árvore de Auaí**, André Thevet, xilogravura, s/d.

Imagem 8 – **Retrato do Tucano**, André Thevet, xilogravura, s/d.

Imagem 9 – **Peixe voador visto pelo autor**, André Thevet, xilogravura, s/d.



Fonte: Site Itaú Cultural.[5]

[5] Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/viajantes/thevet.html>. Acesso em: 7 de nov. 2014.

Ele recolheu artefatos nas comunidades locais durante a viagem, que auxiliaram nas comprovações e nas observações escritas e ilustradas, com a intenção de compor uma coleção.

O outro artista viajante que passou pelo Brasil foi o pintor Albert Eckhout (1610-1666 Holanda), com criações científicas da Missão João Maurício de Nassau (1604-1679 Alemanha), durante a presença da Holanda no Brasil no Século XVII. Classificado como pintor *naturalista* com pinturas de seres vivos, com ênfase na figura humana, sempre usou seu conhecimento para compor todas suas obras documentárias realizadas no Brasil. Ele visualizou a memória brasileira e recolheu nas observações e passeios realizados ricos detalhes para suas obras.

Imagem 10 - **Dança dos Tarairiu (Tapuias)**, óleo sobre tela, 172x295 cm Nationalmuseet (Copenhague, Dinamarca), s.d.

Fonte: Site Itaú Cultural.[6]

No livro *A Presença da Holanda no Brasil*, de Eckhout de 1998, traz a descrição da obra *Dança dos Tarairiu* em que os índios brasileiros usavam urucum e jenipapo para fazer as pinturas corporais, produziam cerâmica e cestarias, sua arquitetura era construída com os materiais do reino vegetal, as formas de sua existência era através da sabedoria da medicina, da pesca e da caça.

A imagem a cima representa a cena de dançarinos masculinos, que se preparavam para guerrear, usando colares com sementes, pulseiras e tornozeleiras com materiais vegetais. As mulheres tinham cabelos mais compridos, eram

---

[6] Imagens das obras: Dança dos Tarairiu (Tapuias) e *Bananas, goiaba e outras frutas.* Itaú Cultural. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/viajantes/eckhout.html>. Acesso em: 28 ago. 2014.

gestantes e estavam separadas do grupo. As vegetações representadas é o coqueiro e o cajueiro.

Imagem 11 -**Bananas, goiaba e outras frutas**, óleo sobre tela 91x91 cm, Nationalmuseet (Copenhague, Dinamarca) s.d.

Fonte: Eckhout.[7]

A imagem de número 11 é de uma composição com frutas tropicais contendo: bananas prata, limão doce, banana figo, goiabas, mangaba, araçás, romã, tomates, jenipapo.

A arte produzida pelos artistas viajantes era matéria importante na exploração da etnografia[8], as pesquisas desenvolvidas foi um instrumento técnico nos registros da realidade, que posteriormente, foi usado como documento do passado mostrando a arte e o ponto de vista das relações culturais. Segundo Eckhout, “Uma coisa é saber da história segundo historiadores, e outra é vê-la através dos olhos de quem a viram.” (ECKHOUT, 1998, p.15). A coleção de obras de Eckhout, anos mais tarde foi doada para Frederico o rei da Dinamarca.

---

[7] Imagem da obra está no livro *A Presença da Holanda no Brasil* de Eckhout de 1998 p. 94.

[8] “Etnografia é o estudo descritivo da cultura dos povos, sua língua, raça, religião, hábitos etc. Como também das manifestações materiais de suas atividades. É a ciência das etnias. Estuda os costumes, as crenças e as tradições de uma determinada sociedade, que é passado de geração em geração e que permitem a continuidade de uma determinada cultura ou de um sistema social. Etnografia é inerente a qualquer aspecto da Antropologia Cultural, que estuda os processos da interação social: os conhecimentos, as ideias, técnicas, habilidades, normas de comportamento e hábitos adquiridos na vida social de um povo”. Disponível em: <http://www.significados.com.br/etnografia/>. Acesso em: 28 ago. 2014.

3.1 NARRAR A VIAGEM

Na coleta de narrativas de outros países, ao recebê-las, há um deslocamento de sua origem, de seus registros locais, reorganizadas agora, apropriei-me delas para criar interpretações. Para escrever sobre essas narrativas cito o texto *O narrador* de Walter Benjamin (1892-1940 Alemanha), que discute várias formas de narrativas.

O autor parte do trabalho do escritor Nikolai Leskov (1831-1895, Rússia) para defender a ideia de que a arte de narrar histórias está em extinção e traz uma reflexão sobre o desaparecimento do narrador na história da civilização após a guerra. No retorno para casa, os combatentes da guerra voltaram calados como se estivessem mais pobres de experiências, e o que se teve de informação após esse fato foram experiências contadas de boca em boca.

Benjamin afirma que as melhores narrativas escritas são “[...] as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. (BENJAMIN, 1994, p. 198). Dividindo-se em dois tipos:

> "Quem viaja tem muito que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Cada uma das famílias conservou as suas próprias características, portanto Benjamin escreveu que *a extensão real do reino narrativo* só pode ser compreendida se for levada em conta a *interpenetração* dos dois tipos *arcaicos*. Em meu trabalho, a narrativa que está presente no áudio dos países está representada pelo narrador que vem de longe (como a figura do marinheiro comerciante) que conta sobre seu país, que relata para outras pessoas que não conhecem o país, o seu espaço físico vivenciado pelo marinheiro. E todos na exposição podem ser o camponês sedentário que vive sem sair de seu país e conhece bem a tradição, que ouve a narrativa e cria a partir dela outras formas de narrar.

Cabe escrever também sobre os dois indícios destacados da evolução na morte da narrativa que são: o romance e a informação. O romance, diferente da narrativa, está ligado ao livro e se torna possível com a imprensa. O narrador tira da experiência o que ele conta da "[...] sua própria experiência ou relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes." (BENJAMIN, 1994, p. 201). A origem do romance é o indivíduo isolado, que não recebe mais conselhos nem sabe dar. A informação, para o autor é mais ameaçadora provocando uma crise no próprio romance.

Já a informação é diferente da narrativa, porque o saber que vem de longe, há menos pessoas interessadas do que uma informação de um acontecimento perto que pede uma verificação imediata. A narrativa está em declínio porque a informação dos fatos já tem explicação "[...] Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação" (BENJAMIN, 1994, p. 203). A não ser algumas histórias narradas que podem ser interpretadas como quiserem os leitores, não exigindo assim informações. Com isso a informação só tem valor e vive no momento em que é nova. Quando é relatada como sendo somente informação ela se perde, portanto essas narrativas em meu trabalho não são apenas informações desses países, porque não se perdem depois que são ouvidas e não são passadas e esquecidas, fazem parte do trabalho como um conceito narrativo poético importante e norteador, narrar é se perder na viagem.

Benjamin no texto destaca ainda a relação entre a narrativa e o trabalho manual.

> Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 1994, p 205).

Para Benjamin, a narrativa é ela própria *uma forma artesanal de comunicação* que esteve no meio do artesão, sendo assim ela não está preocupada em passar o *puro*

de si, como informação ou relatório, mas sim em mergulhar na vida do narrador para depois retirar dele, imprimindo assim sua marca.

Ao observar e ouvir as narrativas em áudio constatei que elas além de contarem fatos de suas cidades e países, criaram e inventaram seus próprios países vistos por eles, repercutindo em mim imagens geradas a partir da minha lembrança da memória. A partir dessas gravações a minha interferência é mínima, não cortei nenhuma parte, apenas se editou para que um país ficasse em sequência do outro, com duração de uma hora e sete minutos. O som do áudio percorre todo o espaço da na Galeria Loide Schwambach, tocando repetitivamente as narrativas gravadas em um CD. A contracapa deste texto diário contém o CD com essa gravação.

3.2 DA NARRATIVA PARA OS LEITORES/VIAJANTES

A riqueza de formas múltiplas das culturas e suas relações é um ponto importante nos meus estudos porque eu me sinto convidada em querer conhecer outras realidades culturais, apresentar as dimensões de suas manifestações com as diferenças de grupos que existem. As culturas e civilizações com particularidades de organização e características próprias deram-se na ocupação de territórios por populações diferentes. Elas contudo, estão em constante transformação histórica pelas atitudes dos grupos sociais das culturas externas.

O trabalho agora apresentado se iniciou quando entrei em contato com pessoas que não moram no Brasil, solicitando uma descrição ou uma narrativa sobre seu país. Não solicitei como se fosse uma entrevista, mas sim através de um pequeno resumo enviado pelos contatos de e-mail e *sites* sociais, explicando que se tratava de uma pesquisa que faria parte do trabalho de conclusão de curso. Pedi aos participantes que falassem sobre seu país e gravasse um áudio. Depois que me enviasse para que, através dele, eu pudesse fazer a viagem reinventada. Não decido especificamente os países, isso depende da colaboração das pessoas que aceitam participar do trabalho.

Os contatos com as pessoas que participaram do meu trabalho em áudio deram-se através de Encontros como: EMJRCC - Encontro Mundial de Jovens Católicos da RCC em 2012, JMJ - Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro em 2013, contato com participantes de Grupos de Orações da Igreja Católica que fizeram intercâmbios no exterior, através de exposições que eu visitei e amigos dos meus colegas da faculdade. Acredito que as pessoas que falaram para mim sobre seus países também estão inventando um país, que para elas é real e também estão construindo uma ficção.

3.2.1 Venezuela

A primeira a proporcionar uma viagem imaginária em seu país foi uma amiga venezuelana que conheci no EMJRCC em 2012. Após o meio-dia fui conversar com ela, encontrava-se sentada numa escada, cheguei me apresentei. Nesta conversa, tive a curiosidade em saber como era seu país, mas não apenas como as informações de *site* informativos, mas vivenciados e vistos por ela.

Imagem 12 – **EMJRCC - Encontro Mundial de Jovens Católicos da RCC em Foz do Iguaçu**, fotografia, 2012.

Fonte: Acervo pessoal.

Ela descreveu como vê seu país e através da descrição viajei com minha imaginação.

Percebi que eu me encantei com sua narrativa, cheguei a fazer comparações de estações do ano, lembro-me que comentamos sobre verduras e ela relatava os períodos do ano que se plantava, e era diferente do sul do Brasil. Conversamos sobre a religião, a economia, a educação, assim concluímos trocando os endereços virtuais para continuarmos o contato e nosso registro fotográfico foi realizado junto com a bandeira de seu país.

Logo após o evento no dia 6 de junho de 2013, entrei em contato com ela pelo meio eletrônico num *site* social, a proposta de minha pesquisa foi para a disciplina de Pesquisa em Arte 2013-1, na qual convide-a a participar, aceitando o meu convite. Solicitei que ela fizesse uma gravação em áudio relatando o espaço em que vive falando sobre: a sua cidade, o seu estado e país, a geografia, o clima, as danças e músicas culturais, comida. Mandou-me a gravação em espanhol, com três músicas típicas, “enviare dos musicas de las que habloen mi grabacion, si quieresla colocas para que aprendan mas y sepancualesson (1. sonesdeltamunangue - la bela, 2.musica llanera, 3. alma llanera)”.

Essa gravação tem duração de sete minutos e onze segundos e ela narra uma cidade pequena, que foi a primeira do país, chamando-a de mãe da Venezuela. Que faz parte da sua arquitetura a Igrejas de Nossa Senhora da Conceição. Na cultura artística os *Grupos Golpeiros* animam os bailes mestiços. A vegetação é composta de planícies, colinas, plantio da cana de açúcar, banana, abacates e hortaliças. E finaliza que são pessoas muito alegres.

3.2.2 Portugal

A próxima entrevista foi com um homem português que eu o conheci numa exposição no MAM - Museu de Arte de Montenegro, que hoje mora em Porto Alegre. Após conhecê-lo entrei em contato por telefone com o Museu Açoriano Sul Rio Grandense, agendando uma entrevista. O açoriano relatou sua vivência em locais que morou. Ele contou-me sobre sua infância, a escola em que estudou, seus passeios para a Ilha dos Açores, Lisboa, muitas de suas viagens. Falou-me sobre seu famoso Pão por Deus, que fez muito sucesso aqui no Rio Grande do Sul,

ensinando a receita para muitas pessoas. Falou sobre a espiritualidade de Portugal, como as aparições de Nossa Senhora de Fátima aos três Pastorzinhos.

3.2.3 Uganda

Entrei em contato com o continente africano através da ENFLM - Escola Nacional de Formação para Líderes Missionários da RCC em Jacarezinho-PR, conheci o missionário Ambrose, que vive em *Mbarara* Uganda, considerada a Pérola da África. O áudio tem seis minutos e cinquenta segundos, esta gravação foi realizada no dia 21 de agosto de 2013, pelo meu celular.

Como eu não falo inglês, uma amiga que estava na ENFLM foi quem conversou com ele explicando o meu trabalho. Após a gravação, ele pediu para eu escrever o que ele tinha falado, assim registrei algumas coisas como: “África é um continente muito bom, o clima também é bom, na região central o clima é equatorial e poucas partes semiáridas, as pessoas que não o conhecem pensam que a África é um deserto”.

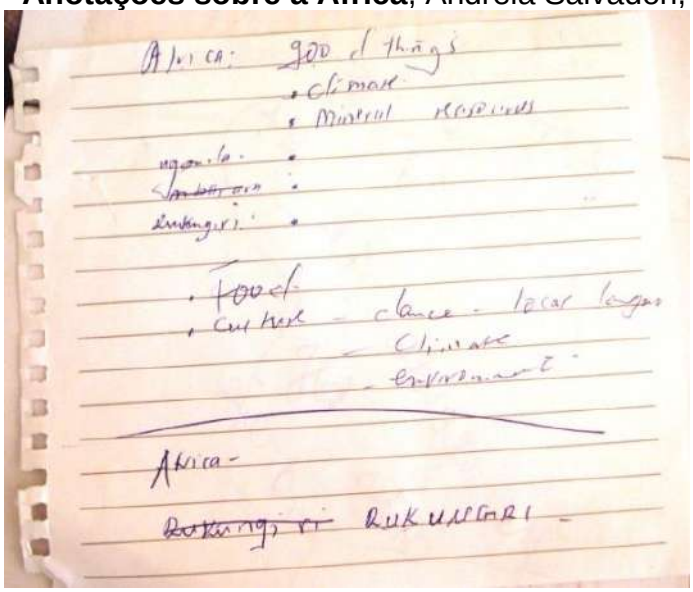
“Suas belezas naturais são encantadoras as florestas, montanhas, lagoas e rios. O meio ambiente é bem conservado em Parques Nacionais. Em algumas partes como na Nigéria, Uganda, Líbia e Sudão o petróleo é a economia”.

“Na sua cultura o Continente Africano é divido em tribos e cada tribo além da língua inglesa, francesa ou portuguesa tem seus dialetos. A maior tribo é *Nebatiga* no qual ele pertence, e o próprio dialeto leva o nome da tribo”.

“Especificamente na Uganda o clima é favorável, semiárido com chuva e sol, de manhã é calor e a noite é friozinho. É rodeada por montanhas, lagos e os rios se localizam mais nas extremidades. A gastronomia é a *Matoke*que que é a banana verde cozida feita como papa ou mingau, o *Poxo* é o mingau de milho branco cozido e comem muita *Mandioca”*.

Tenho como registro as anotações que Ambrose fez antes da gravação para ele se organizar na fala.

Imagem 13 – **Anotações sobre a África**, Andreia Salvadori, 2013.



Fonte: Acervo pessoal.

3.2.4 Uruguai

O único país que eu tive a oportunidade de conhecer além do Brasil fisicamente foi o Uruguai, especificamente a cidade de Rivera. Estive nesta cidade pela primeira vez em dezembro de 2007, retornei em 27 de setembro de 2013 com a oportunidade de participar do SIEPEX – Salão Integrado de Ensino Pesquisa e Extensão da Uergs em Santana do Livramento-RS.

Numa das idas até Rivera, tomei sorvete caseiro com pedaços de frutas. No outro dia fui visitar o *Museo Departamento de Artes Plásticas* e neste local convidei uma funcionária que aceitou gravar o áudio. Usei meu celular como recurso de gravação. Ela relatou que em “Rivera a música e a dança tradicional é o folclore. Comentou da diferença da moeda brasileira com a uruguaia e referiu-se ao clima como sendo muito quente e muito frio”, a gravação durou um minuto e quarenta e dois segundos.

Neste passeio em Rivera, avistei a Praça Central com balanços enormes, vermelhos que fazia um ruído diferente, foi a primeira praça que encontrei balanços grandes que pareciam ser para adultos também, misturando-se com as conversas das crianças que estavam ali pela praça. O vento sacudia suavemente as folhas das enormes plantas, que pareciam ter quase cem anos, seus troncos eram enormes, e

sua altura parecia querer alcançar o céu. Ao me debruçar sobre aquele chão, senti a terra tocar minhas mãos e não me contive, rapidamente peguei uma sacola plástica e comecei a fazer gestos repetidos para guardar a terra, os olhares ao entorno se desviaram do foco que estavam e olharam para mim, pensamentos e curiosidades dispararam nos cérebros dos observadores. Ali eu me encontrava, guardava essa terra como quem guarda um tesouro, parecia pertencer a esse país com esse simples gesto de nostalgia.

Tudo neste país é alegria, visto pelos meus olhos: as cores das roupas nas vitrines pedem um tempo para prestigiá-las, o emaranhado de misturas de objetos antigos, meias, roupas, doce de leite, expostos nas ruas chamou minha atenção para parar e apreciar num vasto momento a organização em que encontrava cada uma delas, com suas cores variadas.

Os diálogos rápidos entre pessoas fez com que meus ouvidos buscassem se aproximar, não para compreender o que estavam falando, mas para ter o prazer em ouvir aquelas frases com um idioma diferente. Frases em português misturadas com espanhol era assim que eu ouvia quando era atendida no comércio. As pessoas caminhavam rápido, outras em câmera lenta, parecendo que iriam parar, mas não paravam, desviando-me delas sentia cheiros de perfume misturando-se com cheiros de comidas, melodias diferentes em cada dobrada de esquina.

Esta foi minha rápida experiência pelas poucas horas que estive em contato com esse país no meu lado direito do Rio Grande do Sul.

3.2.5 México

O próximo país que pude conhecer através de alguém, foi o México. Entrevistei por e-mail um mexicano, cuja gravação tem cinco minutos e onze segundos.

Tradução minha de uma parte de sua gravação:

“Por um lado povos e Províncias com seu folclore e tradição, porém no outro lado grandes e modernas cidades. Por um lado grandes belezas naturais como praias, desertos, montanhas e selvas, por outro lado edifícios e rios de gente caminhando para seus trabalhos”.

“Por um lado o homem mexicano que é indígena. Por outro o mexicano moderno que mantém sua família, trabalha em locais corporativos. A imigração dentro e fora do país é impressionante. Ainda existem grupos indígenas que conservam suas raízes e seus dialetos”.

“Viver no México é uma experiência muito grandiosa e especial. México, claro tem problemas políticos, econômicos e sociais, como todos os países, mas também temos um grande espírito de luta, trabalho, amor e cooperação pelo país, por isso considero um grande lugar para se viver!”

3.2.6 Argentina

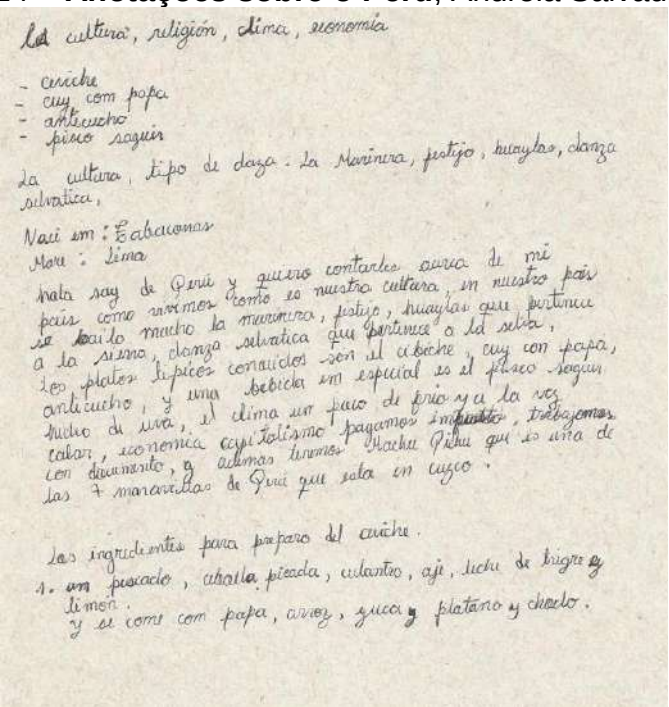
Da Argentina, participou uma amiga que relatou suas impressões sobre seu país. “O país está dividido em vinte e três Províncias, ela mora na Província Entre Rios, rodeada pelos rios Paraná e Uruguai. A Capital chama-se Paraná, rio que nasce no Brasil. Nesta região também receberam várias colônias de italianos e alemães”.

“Ouro Verde é chamado à cidade Universitária tendo quatro Faculdades, entre elas Licenciaturas e Engenharias. Os trabalhos são no campo e em Instituições Públicas. O mate é a bebida tradicional. A Dança tradicional é o tango”.

3.2.7 Peru

Com a peruana, o contato foi pessoalmente porque ela mora em Montenegro, a nossa conversa iniciou-se através de uma entrevista, depois gravei seu relato. Achei bem interessante o café da manhã no Peru porque eles comem comida reforçada como: batata, ovo, frituras, arroz, carne e no meio-dia o almoço são variados tipos de sopas.

Imagem 14 – **Anotações sobre o Peru**, Andreia Salvadori, 2014.



la cultura, religión, clima, economía

- ceviche
- cuy com papa
- antecucho
- pisco saguir

La cultura, tipo de daza. La Marinera, festejo, huaylas, danza selvatica,

Naci em: Tabaconas
Mora: Lima

hola say de Perú y quiero contarles acerca de mi país como vivimos como es nuestra cultura, en nuestro país se bailo mucho la marinera, festejo, huaylas que pertenece a la sierra, danza selvatica que pertenece a la selva, los platos típicos conocidos son el ceviche, cuy con papa, antecucho, y una bebida en especial es el pisco saguir hecho de uva, el clima un poco de frio y a la vez calor, economía capitalismo pagamos impuesto, trabajamos con documento, y además tenemos Machu Pichu que es una de las 7 maravillas de Perú que esta en cuzco.

Los ingredientes para preparo del ceviche.
1. un pescado, cebolla picada, culantro, aje, leche de tigre y limón.
y se come com papa, arroz, yuca y platano y choclo.

Fonte: Acervo pessoal.

Na capital, cidade de Lima, já tomam café com leite de manhã por influência dos turistas. A imagem número 14 é das anotações da peruana para a gravação do áudio.

3.2.8 Alemanha, Canadá, Cingapura, China, Filipinas e Holanda

Nas falas registradas dos países Alemanha, Canadá, Cingapura, China, Filipinas e Holanda tive dificuldades para compreender o que foi gravado, por eu não compreendo as línguas. A partir do áudio eu faço a minha viagem imaginária neste país pensando o que eles falaram sobre as questões propostas.

As narrativas da gravação de voz dos participantes, relatando os países em que habitam, são lugares que existem, mas eu não os conheço, olham para a paisagem verdadeira e instalam nela suas visões. No trabalho artístico estes lugares são reinventados ganhando forma de uma exposição.

3.3 EXPERIÊNCIAS DE VIAGEM

Para escrever sobre experiência estabeleço relações do meu diário com os escritos do filósofo John Dewey (1859-1952 Estados Unidos) em seu livro *A Arte como Experiência*. Ele escreve que uma experiência sempre acontece porque estão ligadas às vivências das pessoas, muitas coisas são experimentadas, e com isso temos a experiência *singular* que é uma experiência que gera outras experiências com os atos dos fazeres como conversar, jogar, escrever. O autor se refere à experiência especificamente usando a palavra *aquela*, por exemplo, *aquela* conversa, não *aquelas* conversas, porque está na qualidade e não na quantidade da conversa. “Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência.”. (DEWEY, 2010, p. 110). Todas as experiências têm um começo e um fim.

> Porque a vida não é uma marcha ou um fluxo uniforme e ininterrupto. É feita de histórias, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para seu fim, cada qual com seu movimento rítmico particular, cada qual com sua qualidade não repetida, que a perpassa por inteiro. (DEWEY, 2010, p. 110).

Essa experiência se define pelas situações e episódios que são acontecimentos verdadeiros e reais, acontecimentos que foram muitos importantes, e outros que foram menos importantes que, contudo, geraram uma experiência. Muitas são as ocasiões em que elas ocorrem, por mais simples que possam ser ou ainda por um tempo curto ou longo.

Há também discursos em que a experiência é dominante depois que ela ocorre, e é caracterizada como um todo, ela também é afetiva e emocional. Assim creio que minhas experiências foram importantes para dar-me o ponto de partida para o diário. Sejam elas curtas, longas, emocionais, passageiras e que agora estão guardadas na memória. Já as experiências de um caso imaginário não se preocupam com o que vem antes ou depois, elas acontecem e não são totalmente excluídas ou incluídas.

Para o autor “A *experiência* é um material carregado de suspense e avança para sua consumação por uma série interligada de incidentes variáveis”. (DEWEY, 2010, p. 121). Com isso as emoções primárias cotidianas podem ser a *esperança ou a desesperança* no começo ou ainda a *euforia ou o desapontamento* no final. No decorrer daquela entrevista criam-se *afetos primários*. É também através dessas entrevistas com pessoas que narraram sobre seu país que eu percebi em mim desenvolver-se uma emoção pelas palavras narradas. Existem muitos tipos de experiências, por mais diferente que possam ser nos detalhes do conteúdo, “[...] pelo fato de que toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive.” (DEWEY, 2010, p. 122) Como exemplo disso a consequência em levantar uma pedra é um resultado de algo realizado, sendo assim esse sujeito sofreu com o peso e o esforço da pedra, essa experiência vivenciada resulta na interação da ação, e a harmonia é sentida ao realizar o levantamento da pedra.

Outras experiências citadas neste trabalho são de viagens, a consequência do ato de fazer ou pensar uma viagem, os sentimentos e as emoções que são geradas a partir desse deslocamento, as ideias imaginadas durante a viagem e o desenvolvimento dessa experiência como relação imediata na sua conclusão. Portanto viagem é uma ação de deslocamento de um lugar para o outro.[9] “O espaço que é percorrido ou que se pretende percorrer. Deslocamento em que uma pessoa fica durante um tempo no local de destino para trabalho ou turismo[10]”.

Neste subcapítulo proponho focar-me no ato de “viajar”, escrevendo que uma viagem pode ser vista como uma definição de deslocamento agradável, afinal hoje em dia realizar uma viagem é mais fácil e acessível do que antigamente na época dos descobrimentos. Simplesmente, afastamo-nos das nossas vidas rotineiras por um tempo, conhecemos outros lugares, divertimo-nos, aproximamo-nos de outras culturas e depois voltamos para a continuação da vida rotineira.

---

[9] Viagem vem do latim *viaticum*e quer dizer “*pôr-se a caminho, estar na estrada”*. Fonte: Revista Leituras Compartilhadas. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/pdf/viagens.pdf>. Acesso em: 20 out. 2014.

[10] Disponível em: <http://www.dicio.com.br/viagem/>. Acesso em: 15 set. 2014.

Conhecer um lugar não significa simplesmente ter ido até lá. Um colecionador de lugares visitados chama-se turista. Volta-se da viagem um pouco estranho também, diferente do que éramos na partida. Abandonar-se nas referências, nas marcas que definem o que gostamos, nas seguranças que sentimos e nas amarras que a rotina impõe. Deixar-se aventurar-se com a convivência com o estranho, com o diferente, possibilitando que estremeça algo de nossos hábitos mentais e afetivos. Viajar, nesta perspectiva, significa ampliar as nossas experiências, trazendo para a realidade algo que antes era incapaz de ser percebido, sentido ou pensado.

Uma viagem não se resume em apenas conhecer lugares distantes, mas é uma experiência pessoal, uma forma de conhecer culturas. Essa experiência não condiz com a distância de quilometragem percorrida, mas sim com a oportunidade de fazer daquele lugar diferente a própria experiência. “O que é feito, e o que é vivenciado, portanto, são instrumentais um para o outro, de maneira recíproca, cumulativa e contínua.” (DEWEY, 2010, p. 131). A viagem é uma busca pela descoberta de algo desejado ou de mudanças, ou de reencontros com o imprevisto.

Na maior parte do tempo vivemos entre imagens, narrativas e representações que nos dão sentimentos de estabilidade e de identidade na qual nos acostumamos. Realizar uma viagem imaginária é para mim um abandonar-se das minhas carapaças defensivas e da minha identidade estabelecida, minha visão de mundo e de vida, para me abrir a novos olhares, sentimentos e prazeres. Imaginar o impensável, sentir o que era antes impossível, ser diferente do que se era.

Fazer diversas leituras dos países a partir das narrativas dos áudios foi a substância que permeou meu fazer artístico e poético. Assim eu posso fazer novas leituras e propor para as pessoas que resolvem se aproximar, que busquem sua própria viagem. Fazer leituras dos imensos caminhos de águas, das imensas culturas presentes, das infinitas línguas, me instiga a realizar uma viagem diferente, em relação com o que já conheço, vi e ouvi, eu projeto imagens que poderiam ser para além da minha história e minha experiência, mas que não se resumindo apenas com as imagens de minha memória que acredito conhecer.

Cito um poema de Fernando Pessoa (1888–1935 Brasil), que expressa uma experiência de viagem que basta somente a observação. Para Pessoa neste poema,

Viajar; significa conhecer-se a si mesmo e não conhecer novos países. O “eu” é sem armas a si mesmo e ao próximo, uma pessoa sozinha. Ao viajar o homem anula a sua própria individualidade, mostrando a angústia da separação entre a realidade e o sonho. O ausentar-se de si mesmo, o “eu” poético da viagem interior. A viagem que não tem fim torna-se um desejo.

Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E a ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.

Fernando Pessoa[11]

Viajar sem precisar fazer as malas, sem sair do local, isso é possível? Talvez a tecnologia nos dias atuais nos permita uma experiência diferente de viagem, com imagens e sons de muitas coisas propicia uma outra experiência. Mas, deixa de se sentir os cheiros, os sabores, os barulhos, deixa-se de conversar, conhecer-se pessoalmente os hábitos, as regras de convivência de outro local.

Esses pequenos detalhes que talvez muitos viajantes não apreciem, revela algo que pode ser tão próximo e ao mesmo tempo tão distante que parece ser estranho ao nosso mundo. Deixar-se invadir pelo estranho é uma possibilidade que nos permite contemplar outros lugares para poder viajar. Pode-se percorrer o mundo todo sem nunca ter saído de casa.

---

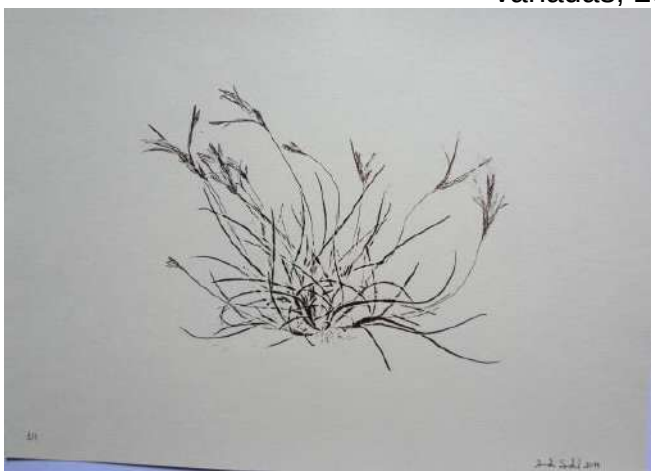
[11] PESSOA, F. Poesias. Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995).

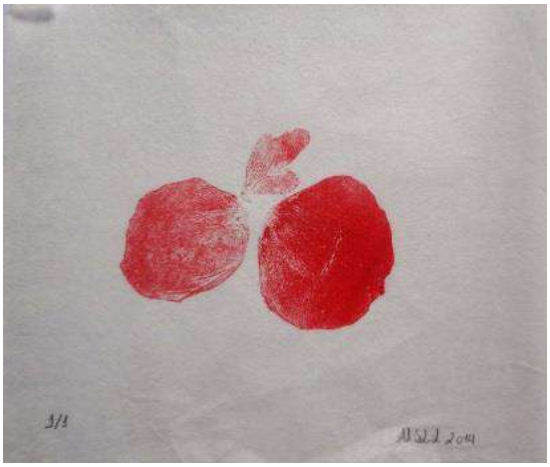
3.4 MAPEAR A VIAGEM

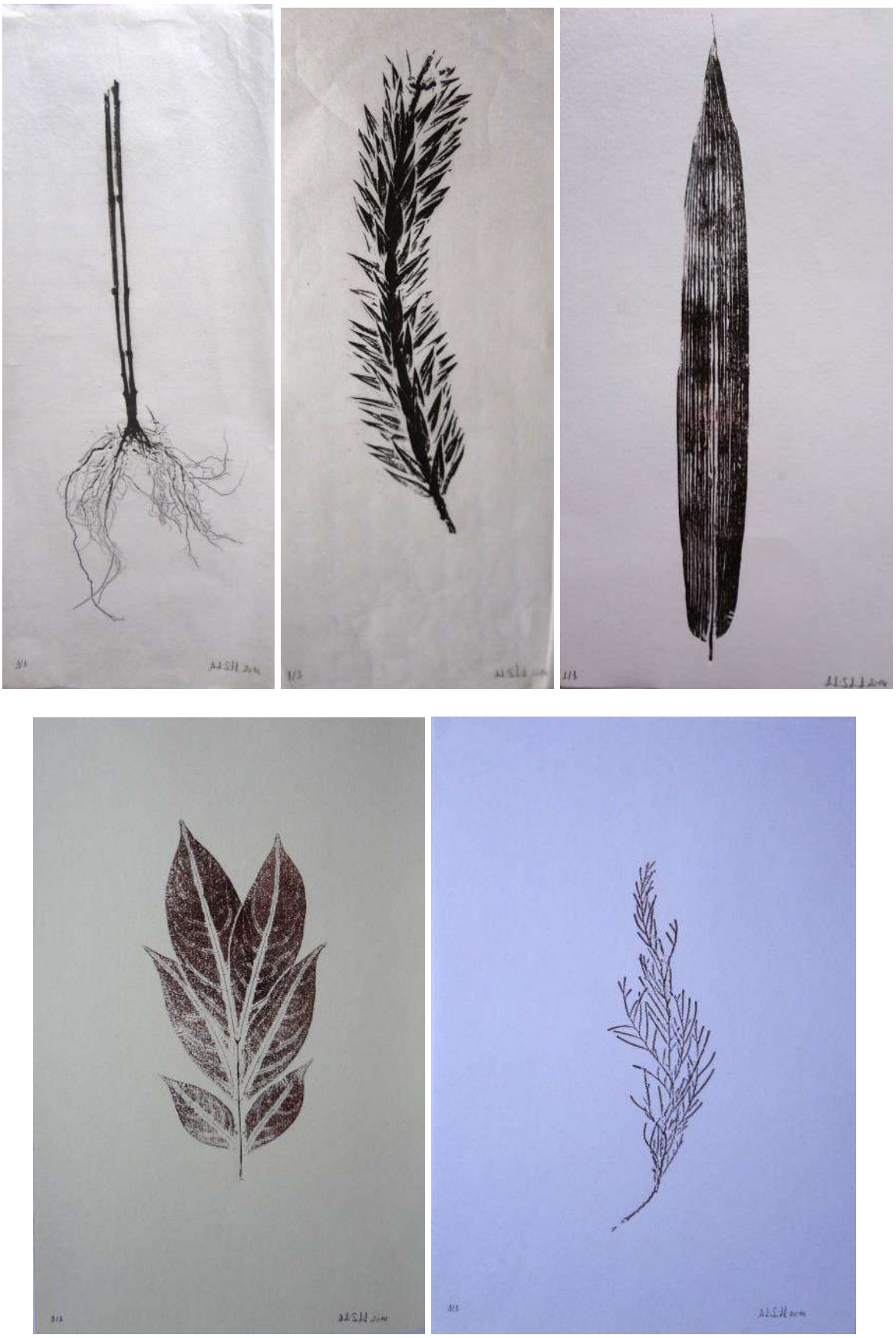
Foi a partir do trabalho desenvolvido em Processos de Impressão I que comecei a me interessar pelos elementos naturais como barba de coqueiro, casca de árvores e folhas, foi assim que descobri minha produção de imagens com os elementos da natureza.

Assim eu re/crio a vegetação com uma possibilidade infinita de colher e descobrir imagens para a minha produção. Tenho prazer em entintar, gravar, experimentar os elementos naturais que revelam a potencialidade da matéria como folhas de taquara, de pinheiro, raízes, pétalas de rosa. Agora essas vegetações são expostas como se pertencesse a outros lugares, essa impressão única, que é monotipia, revelada em novas imagens e dimensões na superfície do papel.

Imagem15 – **Vegetações nativas**, Andreia Salvadori, monotipia, dimensões variadas, 2014.







Fonte: Acervo pessoal.

Para produzir os mapas a técnica utilizada foi relevo seco e o material foi casca de árvores resultando em mapas fictícios. Após este primeiro momento utilizo terras de outros países que ganho de amigos para pintar. E com a intenção de fazer imagens dos elementos naturais foi que eu me apropriei dos elementos do nosso país para realizar as impressões, como se eu pudesse tornar real aqui no meu espaço, algo que só é real em outro espaço.

Os mapas podem ser de alguns países específicos, após gravá-los em relevo seco sobre papel, pintei-os com terras da Alemanha, Argentina, França e Uruguai que são elementos naturais do próprio país como forma de autentificar o espaço relacionado com o tempo o concreto e o imaginário.

As terras da França e Alemanha foram trazidas pelo meu primo que mora em Berlim, já as terras da Argentina e do Uruguai foram através de amigos conhecidos que visitaram esses países.

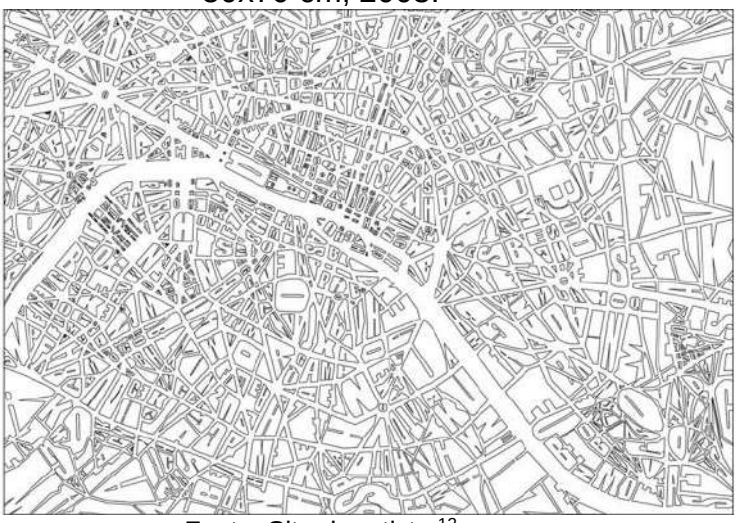
Os mapas geraram imagens de diferentes porções de espaço, determinando territórios, fronteiras que se delimitam entre a imagem do relevo seco e o espectador. Os meus mapas não têm legendas e símbolos, nem palavras e não é dividido por países, ou estados ou cidades, apresenta-se de formas distintas de leituras e interpretações daquilo que eu chamo de “realidade de um local”, apresentando ao leitor uma opção de natureza, índice e país imaginário, determinando locais que podem ser rurais, urbanos, rios, montanhas e deserto.

Imagem 16 - **Apresentações cartográficas de terras longínquas**, Andreia Salvadori, relevo seco sobre papel com terra, 25x35 cm, 2014.

Fonte: Acervo pessoal.

Como a artista Marina Camargo (1980, Brasil), em sua obra *Paris I* (2003), colecionou mapas turísticos da cidade de Paris e mapas de céu. No trabalho os mapas urbanos demarcam um espaço, os mapas celestes contam sobre o tempo marcando a sua passagem, talvez uma maneira de marcar um lugar no mundo. Esses mapas são substituídos por letras da cidade onde antes existiam ruas, e a intenção de trabalho da artista não é fornecer todas as informações completas do nome de ruas e bairros, mas aproxima o ato da escrita com o desenho da cidade.

Imagem 17 - **Mapa I – Paris,** Marina Camargo, desenho impresso sobre papel, 50x70 cm, 2003.



Fonte: Site da artista.[12]

Assim também para a Internacional Situacionistas, que foi um movimento político e artístico entre as décadas de 1950 e 1960 na França, os mapas afetivos são mapas geográficos alterados afetivamente. Um de seus mapas mais conhecidos, *Naked City*, 1957, traz referência em seu título a um filme da época, alterando graficamente alguns monumentos da cidade de Paris, recortados e colados de forma aleatória.

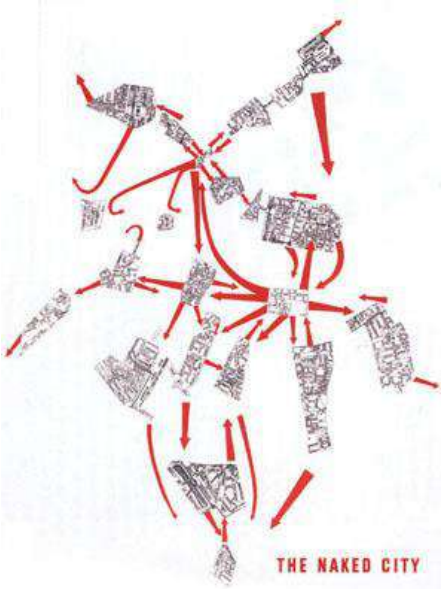
São ao todo dezenove monumentos da cidade ligados entre eles por flechas vermelhas sugerindo ser mais intenso o afeto, essas flechas remetem a trajetos ou lugares significativos da experiência urbana disparada pelas derivas situacionistas.

As distâncias do mapa não é a distância física real, desvenda assim uma cidade fictícia, e, os trajetos entre os pontos remetem à construção de uma narrativa.

---

[12] Disponível em:<http://www.marinacamargo.com/site/index.php>. Acesso em: 14 mai. 2013.

Imagem 18 – **Naked City - Guia Pscicogeográfico de Paris**, Internacional Situacionista, impresso,1957.



Fonte: JACQUES, 2003, p. 5.

A psicogeografia aqui citada é um procedimento ou método de uma geografia afetiva que "[...] estudava o ambiente urbano, sobre tudo os espaços públicos através das derivas e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação básica do caminhar na cidade". (JACQUES, 2003, p. 22). Para esse trabalho a proposta foi recriar meios de transportes com novas ambiências como característica constante dessas viagens permeáveis e impermeáveis, entre migração e emigração recorrente em todos os lugares.

Imagem 19 - **Deslocar. Viajar**, Andreia Salvadori, óleo sobre papel, 26x34 cm e 15x15 cm, 2013.

Fonte: Acervo pessoal.

4. CONHECER UM MUNDO (RE)CRIADO

A obra do artista Marcel Broodthaers (1924-1976, Bélgica) igualmente apresenta pontos relevantes para compreendermos o espaço expositivo como um local de acervo muitas vezes inventados. O artista começou uma coleção em Bruxelas na sua casa, de um museu fictício de doze seções chamado *Musée d'Art Moderne, Départament des Aigles* (1968). A entidade não tinha um lugar permanente nem coleção, contendo objetos criados, filmes, reproduções de arte e coisas efêmeras como etiquetas de paredes, caixas, cartões postais e Broodthaers era o próprio curador da exposição.

Imagem 20 - **Musée d'Art Moderne**, **Département dês Aigles***,* Seção Financeira dimensões variáveis.

Fonte: Site faculty.[13]

Fonte: Site museesansmusee.[14]

[13] Disponível em:<http://faculty.etsu.edu/koterbay/contemporaryart3.html>. Acesso em: 17 out. 2014.
[14]Disponível em:< http://museesansmusee.wordpress.com/2012/01/>. Acesso em: 23 out. 2014.

Este museu teve vários formatos e montagens, sendo as mais conhecidas aquelas montadas no Kunsthalle Düsseldorf, Alemanha, em 1970, e na Documenta 5 de Kassel, em 1972. Muitas instituições museológicas emprestaram peças para esta exposição. Após isso, como finalização da mostra, em 1971 Broodthaers decretou a falência do museu. Broodthaers reuniu em sua instalação diversidades de objetos como: pinturas, livros, fotografias, textos e projeções.

O museu inventado sobrevive até hoje através de publicações, entrevistas, objetos de arte, quadros e esculturas. Citar o museu é falar da arte, e, desse modo, analisar o engano. O museu normal e os seus representantes colocam cenas como sendo uma forma de verdade. Falar deste museu equivale a pensar as condições desta verdade e portanto, o trabalho de Broodthaers pode ser encarado como uma crítica às instituições e as formas de contar a história da arte.

Este não é propriamente meu interesse nas propostas do artista. Aproximo-me mais de sua visão de coleção e museu dentro do espaço expositivo. Para entender o que é uma coleção, penso que são todos objetos reunidos pela mesma natureza, por sua raridade e pelo seu valor documentário. Possuo diversas coleções particulares, como uma coleção de lápis desde a década de 60 até lápis comprados atualmente em museus, coleções de borboletas, moscas, conchas, terras e objetos antigos como bibelôs, fotografias, documentos, livros, máquina de escrever e dinheiro antigo. Para este trabalho vasculhei na minha coleção de borboletas e fotografias antigas da família e de cidades, apropriei-me das imagens para expor como um documento histórico relacionando com os mais antigos relatos de países. Apropriando-me destas fotografias, ressignifico-as e as reconstruo poeticamente como parte integrante do *meu diário de viagem*.

Neste sentido, posso estabelecer afinidades com a narrativa do escritor Goerges Perec (1936-1982 França) na novela - *A coleção particular* que faz um relato sobre a “história de um quadro”. Descreve a caminhada de Humbert Raffke, que saiu da Alemanha para fazer fortuna como cervejeiro nos Estados Unidos e tornou-se colecionador de arte e adquiriu aos poucos um acervo importante de pinturas, além de ter patrocinado outros artistas. Depois que a coleção ficou grande, Hermann Raffke encomendou ao pintor Heirich Kürz uma pintura que se retratava a sua coleção.

Kürz pintou um enorme quadro que ocupava toda uma parede, e numa escala bem menor pintou a sala em que Humbert Raffke onde pendurava as obras preferidas. O leilão desse quadro aconteceu na Galeria Sudelwerk, muitos foram os curiosos que apareceram para conhecer a obra, mas, encontraram somente a cópia da *coleção particular* de Raffke. A decepção foi grande porque nenhuma obra que estava no quadro de Kürz fazia parte do catálogo da exposição, a maioria dessas obras fazia parte da escola americana. Durante a narrativa, Perec escreve sobre os leilões, as aquisições, a descrição das obras como o nome, o que estava representado na pintura, o valor, a escola ou o autor.

Esta narrativa é o começo de uma coleção iniciada por leilões e encomendas de telas, que se transforma numa coleção particular e essa própria coleção anos mais tarde é leiloada. O que trago presente em meu trabalho desta narrativa é a forma de começar uma coleção, por compras de objetos, obras de arte e coletas, são várias as maneiras que podemos começar uma coleção. Em meu trabalho eu escolhi a coleta de materiais naturais e os artefatos que não são adquiridos por mim, mas, por pessoas próximas que me presentearam.

4.1 ELEMENTOS NATURAIS E ARTEFATOS DE TODOS OS CONTINENTES

Durante as experiências de minha graduação, a partir de alguns trabalhos com gravura e pintura, passou a ser um hábito coletar porções pequenas de terras de várias cidades em que eu estive, ou então solicitava para outras pessoas coletar para mim. Hoje a minha coleção conta com trinta e dois tipos de terras de cidades brasileiras e quatro estrangeiras.

Este gesto foi aos poucos se tornando significativo e essencial na minha prática artística. Assim também aconteceu a coleta com os materiais naturais representando a vegetação dos lugares relatados, ampliando assim o número de lugares "visitados". Neste trabalho utilizo apenas as terras, conchas, pedras, sementes e artefatos[15] de outros países, as borboletas são naturais do Brasil. Os artefatos foram trocados como gesto de lembrança de um país com os outros nos encontros cristãos que participei e os presentes de amigos que viajaram para o exterior e trouxeram-me elementos naturais como conchas, pedras, folhas e sementes. Outros materiais que estarão expostos são peças de artesanatos como terço, pulseiras e tecidos.

Esses elementos tanto as borboletas, os naturais como os artesanais estão expostos numa vitrine e fazem parte da minha coleção particular como uma forma poética de ter um pouco daquele lugar dentro da galeria.

---

[15] *Artefatos em arqueologia* "é um objeto ou parte de um objeto feito pelo homem, que fornece indicações sobre a época a que pertenceu". E o *Artefato cultural* "(...) é um objeto fabricado pelo homem que dá informações sobre a cultura do seu criador e usuários". Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Artefato>. Acesso em: 18 nov. 2014.

Imagem 21 – **Elementos naturais de todos os continentes**, Andreia Salvadori, objetos, dimensões variáveis, 2010 a 2014.

Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 22 – **Borboletas de todos os continentes**, Andreia Salvadori, coleção de borboletas, dimensões variáveis, 2009 a 2014.

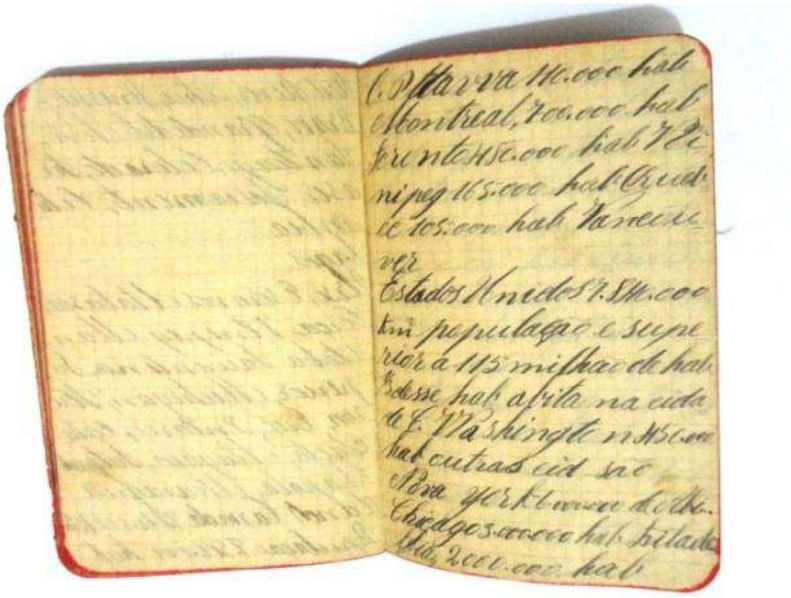
Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 23 – **Artefatos e artesanatos**, Andreia Salvadori, objetos, dimensões variáveis, 2012 a 2014.

Fonte: Acervo pessoal.

Numa das visitas na casa de meus pais, minha mãe entregou-me uma caderneta de estudos de meu avô, na primeira tentativa de ler o que estava escrito não foi tão curioso como admirar a letra escrita com bico de pena e tinta de nanquim. Em seguida comecei a ler o que estava escrito e descobri sua caderneta de estudos de geografia, que traz informações de populações sobre cidades mais numerosas dos estados brasileiros, alguns países como Estados Unidos e México, os maiores rios de mundo, entre outras informações. Apropriei-me deste estudo para então fazer parte do meu diário de estudos sobre viagem.

Imagem 24 – **Aula de Geografia por Luigi Salvadori**, Andreia Salvadori, caderneta, 1941/2014.



Fonte: acervo pessoal.

O conceito de coleção dentro de uma coleção de arte, ou de espaços da arte, também está presente na obra de Mabe Bethônico (1966, Brasil) que trabalha o limite entre documentação e construção, apresentando como a informação podem ser trabalhadas e construídas, questionando uma verdade instituída. O trabalho do site *www.museumuseu.com.br* é um museu virtual diferente, em que não iremos encontrar um acervo ou algo semelhante aos museus tradicionais, mas: "É um espaço-conceito e não tem a pretensão de possuir acervo, de ser um espaço físico;

nesse aspecto ele explora conceitos de museu, mas usa uma estrutura museológica para ser um não-lugar, para ser um não-museu". (SITE MUSEUMUSEU[16]).

Imagem 25 - **Módulo Itinerante do Museu do Sabão**, Mabe Bethônico, instalação, dimensões variáveis, 1996.

Fonte: Site UFMG[17].

Segundo Bethônico, o trabalho *Módulo Itinerante do Museu do Sabão* exposto na 27ª Bienal de São Paulo 1996, é um recorte do projeto de instalação. As questões do seu trabalho é pensar naquilo que está entre o ficcional e o documental, o museu e a cidade, o tempo e a palavra.

Já o projeto *O colecionador* que começou com um imenso acervo de imagens retiradas de jornais (separando-os em quatro grandes séries como: destruição, corrosão, construção e flores) reflete como a circulação de imagens e aumentou rapidamente. A artista viu-se na necessidade de criar subdivisões para tornar mais pontuais os assuntos e de criar uma figura de Colecionador que assumisse a continuação do banco de imagens. Bethônico deixou a dispor do público as imagens dentro de caixas de papeis, na biblioteca do Museu da Pampulha oportunizando os funcionários a continuar ampliando a coleção de imagens.

Colecionar, juntar, aglomerar, recolher, guardar, apropriar: um gesto do cotidiano tão simples se repete criando um ambiente artístico**.**

---

[16] Disponível em: <http://www.museumuseu.art.br/>. Acesso em 10 out. 2014.

[17] Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/003924.shtml>. Acesso em 10 out. 2014.

Imagem 26 – **O Colecionador**, Mabe Bethônico, instalação, dimensões variáveis, 1996.

Fonte: Site UFMG.[18]

O que leva uma pessoa a acumular algum tipo de objeto? A ideia de coleção é retirar os objetos de circulação, de forma temporária ou definitiva e guardá-los preservá-los em lugares especializados, alguns são expostos e outros raramente podem ser vistos pelo público. Muitas vezes são pela funcionalidade, outras pela estética, científica ou ainda pelos gostos e interesses sobre certos objetos, gerando assim uma comparação de épocas, estilos e separados ou agrupados, com o objetivo de investigar e relacionar narrativas atravessadas por experiências e o desejo de agregar a materialização nas diversas formas de colecionar.

As coleções são privadas de suas utilidades, seu valor de mercado é de troca, compra e venda, dependendo dos diversos significados atribuídos aos objetos de coleções, símbolos, mitos ou tradições. A coleção também é de memória coletiva e das fontes da história dos homens, os objetos de coleções fazem parte de uma classe mais ampla, pertencendo também às obras de arte, os objetos em metais preciosos, moeda, entre outros.

Esses objetos representam mais do que um simples objeto colecionado, quando olhamos e experiênciamos uma coleção, permitimos nos envolver com a identidade e o símbolo deste determinado grupo. Uma coleção de objetos e materiais pode significar o pertencimento do cotidiano familiar como privado ou

---

[18] Disponível em: <https://www.ufmg.br/museumuseu/colecionador/colecionador/slide_01.html>. Acesso em 23 out. 2014.

institucional. A coleção vai se desenhando a cada momento quando os objetos são selecionados, expostos e experiênciados como suportes de memória.

A coleção passa pelo processo de produção, circulação, consumo e descarte dos objetos, dependendo do objeto, como os elementos naturais passam por uma escolha, coleta e ressignificação do mesmo. Os objetos são compostos com materialidades, intencionalidades e historicidades com seus valores sociais e rituais, com suas ressignificações nos diversos espaços como lugares privados e instituições. As tipologias das coleções e dos objetos definem-se como: materiais, imateriais, imaginários etc. "[...] recolher, classificar, conservar, guardar e tornar acessíveis os documentos que, *tendo perdido a sua antiga utilidade quotidiana e considerados por isso supérfluos nas repartições e nos depósitos,* merecem todavia ser preservado" (Buchalski, Konarsky e Wolff 1952 *apud* POMIAN, 1984, p.53) e ainda com os métodos de análise dos objetos para a coleção eles passam pelas fichas analíticas descritivas e por catálogos.

Esses objetos possibilitam a todos nós, vivermos um tipo de experiência numa procura de um lugar escondido, pelo esquecimento de um povo ou de um indivíduo, mas, que está preservado simbolicamente por uma pessoa ou grupo, um monumento ou ainda as coleções materiais. Torna um mundo possível coroado de objetos visíveis e invisíveis que ao serem coletados, colecionados e exposto aos olhares do público atribui uma ressignificação, passa a fazer parte de outros caráteres de significados e temporalidades.

O autor Krzysztof Pomian (1934, Polônia) em seu texto *Coleções,* faz referência as coleções particulares e as de museus. Segundo o autor o primeiro museu surgiu na segunda metade do século XVII:

> [...] uma coleção, isto é, qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantido temporariamente ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e exposto ao olhar do público. (POMIAN, 1984, p.53).

Assim o autor coloca características das origens dos museus que distingue das coleções particulares.

> Contrariamente à coleção particular que, na maior parte dos casos, se dispersa depois da morte daquele que a tinha formado e sofre as repercussões das flutuações de sua fortuna, o museu sobrevive aos seus fundadores e tem, pelo menos em teoria, uma existência tranquila. Seja qual for o seu estatuto legal, o museu é, com efeito, uma instituição pública; um museu privado não é mais do que uma coleção particular que ostenta um nome que o assimila a uma instituição muito diferente. (POMIAN, 1984, p.82).

Um museu estimula oportunidades às coleções particulares em tornar público as coleções e acessos a todos os tipos de classes sociais. O nome Museu originou-se com os templos antigos que eram destinados para as musas, dentre eles o mais antigo foi o Museu de Alexandria, pela sua biblioteca e pelas pessoas sábias que viviam nele. No interior de um Museu é proibido extrair pedras, cortar lenha, construir ou até mesmo habitar, porém os objetos expostos têm uma única função que é para olhar.

Para Walter Benjamin, o colecionador é o sujeito que recolhe objetos e registros de uma história, objetos que não são mais úteis aos fins comuns, e se tornam valiosos e únicos dentro de cada coleção a qual pertence. O autor ainda escreve que o colecionador faz dos objetos quase que peças de um quebra cabeça, que se relacionam entre si e que juntas *montam* algo.

> [...] para o colecionador o mundo está presente em cada um de seus objetos e,ademais, de modo organizado. Organizado, porém, segundo um arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana. [...] Basta que nos lembremos quão importante é para cada colecionador não só seu objeto, mas também todo o passado deste, tanto aquele que faz parte de sua gênese e qualificação objetiva, quanto os detalhes de sua história aparentemente exterior: proprietários anteriores, preço de aquisição, valor etc. Tudo isso, os dados “objetivos”, assim como os outros, forma para o autêntico colecionador em relação a cada uma de suas possessões uma completa enciclopédia mágica, uma ordem do mundo, cujo esboço é o destino de seu objeto (BENJAMIN, 2007, p. 241 *apud* ARAUJO[19] 2013, p. 212).

Segundo Benjamin, o próprio ato de colecionar torna-se uma forma de *recordação prática*, assim tirando o objeto de sua primeira utilidade de construção e organizando-os numa coleção, resulta no esvaziamento do significado original, mas que inserindo-os em outra ideia acontece a ressignificação do objeto.

---

[19]ARAUJO, G. R. **Interpretar o passado, projetar o futuro: Enciclopédia Magica de Valêncio Xavier**. Goiás. Revista de Teoria e Crítica da História, ano 5, n. 10, pp. 208 - 220. dez/2013. Disponível em:<http://revistadeteoria.historia.ufg.br/up/114/o/09_-_Rodrigo_Ara%C3%BAjo.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2014.

4.2 COLEÇÕES DAS FOTOGRAFIAS DAS VIAGENS

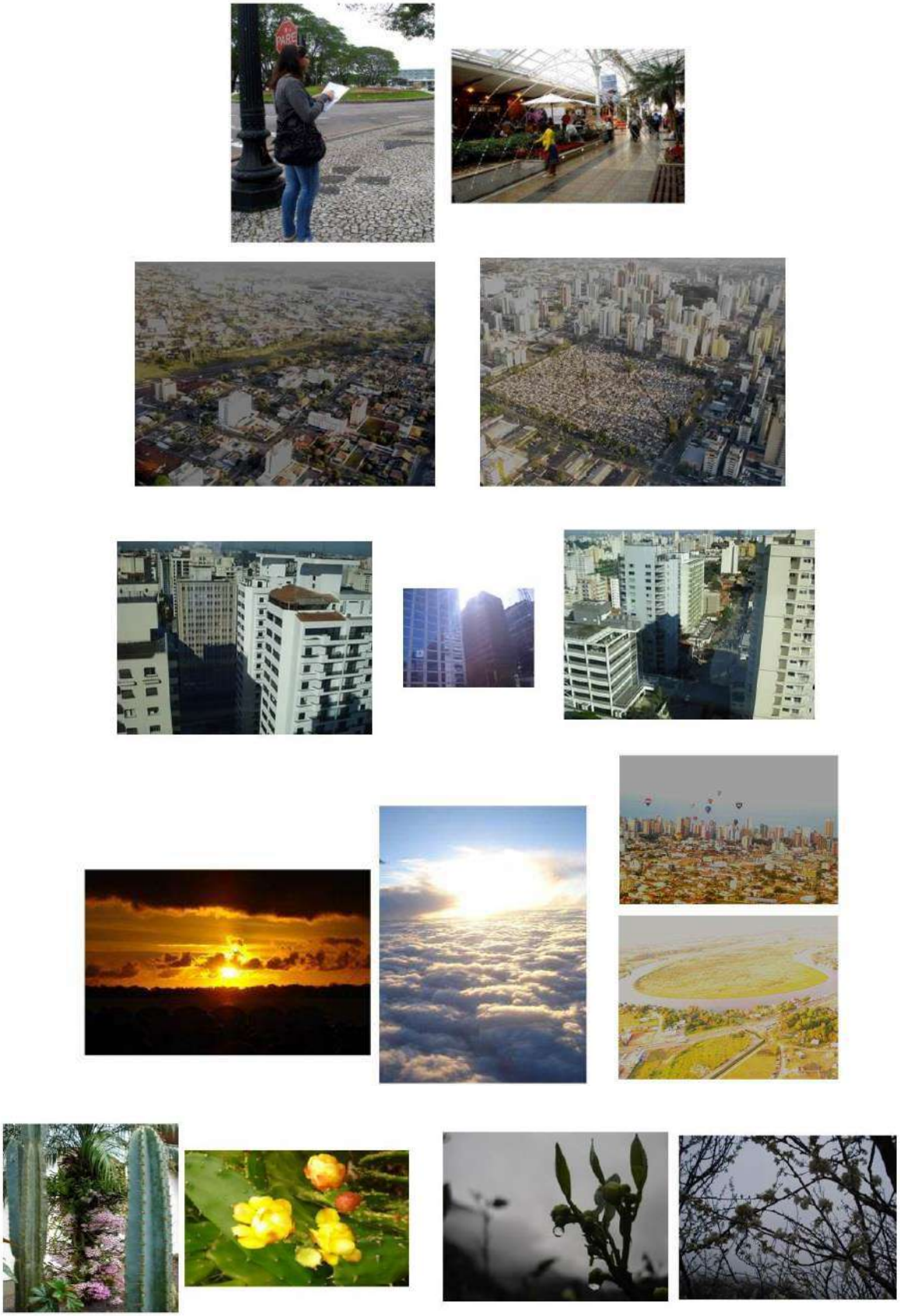
Eu, como pedestre de espaços urbano e rural aproprio-me destes locais para fazer os registros fotográficos. Partindo das observações, lembrando-me dos relatos em áudio, imaginando a viagem nos países imaginários, fotografo, recorto, anoto, leio e guardo.

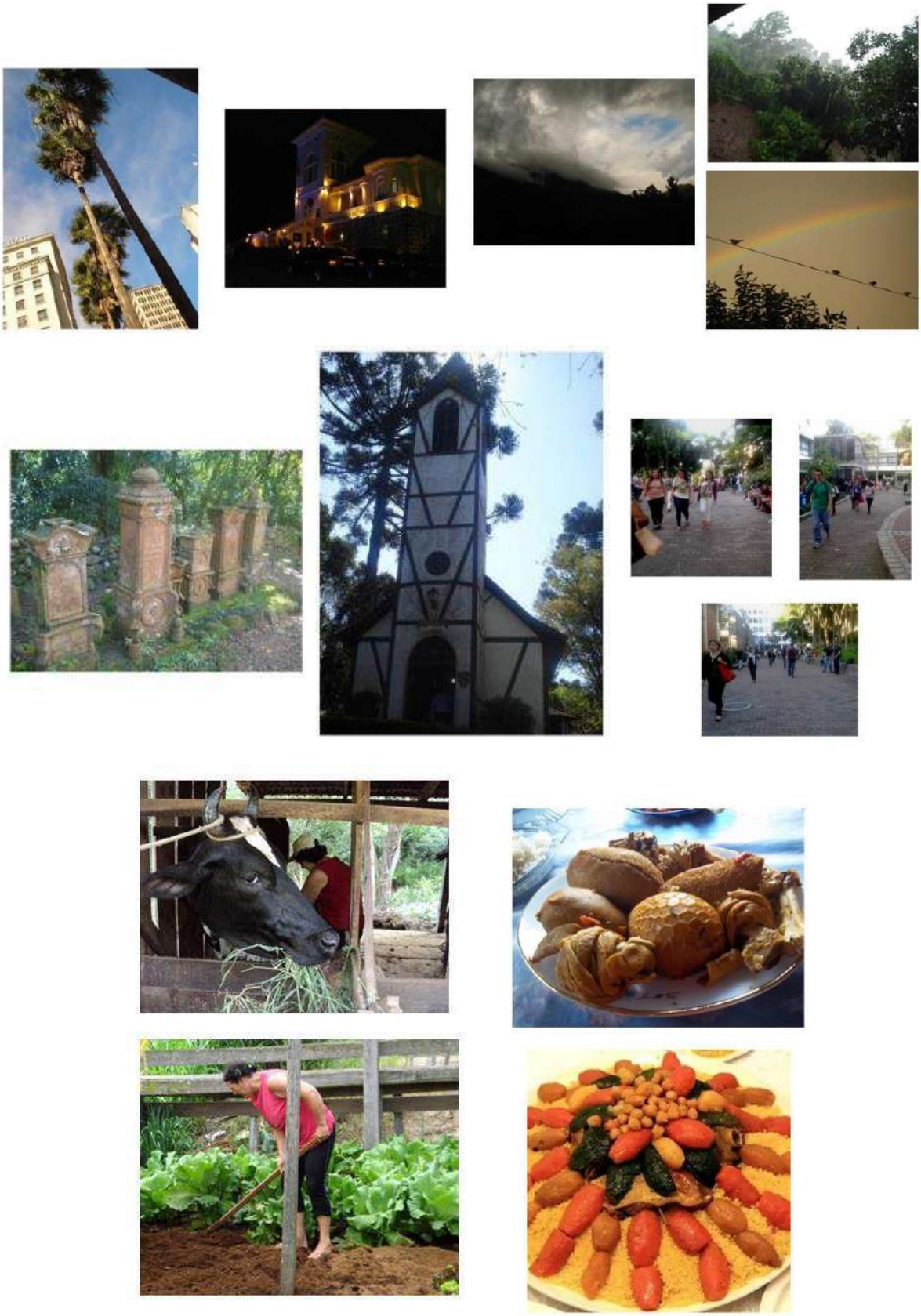
Meu acervo de fotografias pessoais ajudou-me a realizar as seleções das fotografias antigas e atuais, elas são expostas na parede da galeria aleatoriamente, na forma de agrupamento, separadas com molduras brancas, não há uma ordem, e estão misturadas entre as fotografias atuais e antigas.

Imagem 27- **Fotografias antigas**, Andreia Salvadori, coleção de fotografias a partir da década de 1930, dimensões variáveis, 2014.

Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 28 – **Fotografias de viagens**, Andreia Salvadori, coleção de fotografias, dimensões variáveis, 2010 a 2014.





Fonte: Acervo pessoal.

O meu trabalho aproxima-se com o trabalho *Museu do Homem do Nordeste* (2013) do artista Jonathas de Andrade (1982, Brasil) que é um projeto em andamento e cada vez que é exposto apresenta uma nova versão de *Museu*, acrescentando novos projetos e pesquisas. Em seu trabalho, o artista transita entre as posições de artista, curador e colecionador. Suas obras se articulam como uma coleção para o Museu, entre formação étnica, histórica e social daquela região. Numa de suas instalações *40 Nego Bom é um real,* partiu de um doce de banana popular vendido nos mercados e ruas da região do nordeste e elaborou uma fábrica fictícia em que 40 pessoas trabalhariam na fabricação desse doce.

Imagem 29 – **40 Nego Bom é um real** (parte da instalação Museu do Homem do Nordeste), Jonathas de Andrade, dimensões variáveis, 2013.

Fonte: Site do Artista[20]

O trabalho por meio de textos faz um acerto de contas com a exploração trabalhista e o racismo velado. A montagem das fotografias neste trabalho levou-me a organizar as minhas próprias fotografias para a exposição, usando mais de uma imagem na mesma moldura. As minhas coleções sempre acrescentarão mais elementos, portanto cada vez que apresentar essa exposição será única, porque haverá elementos que serão adicionados posteriormente.

---

[20] Disponível em: <http://cargocollective.com/jonathasdeandrade/museu-do-homem-do-nordeste>. Acesso em 11 nov. 2014.

5. APRESENTAR A VIAGEM

O trabalho que apresento é a exposição de minhas coleções para realizar a viagem (re)criada, e para mim são fragmentos que se complementam. Tudo isso é uma forma expositiva de apresentar uma viagem (re)inventada.

Acredito que meu trabalho tome a forma expositiva como uma maneira de construir um diário de viagem, assim também para a curadora Rejane Cintrão,

> A maneira de mostrar uma seleção de obras de arte reflete diretamente na curadoria de qualquer exposição, pois é por meio da montagem, além, naturalmente, das obras selecionadas, que o curador vai expor suas ideias. Seja estabelecendo relações formais ou conceituais entre as peças expostas, seja localizando-as de forma estratégica no espaço, a disposição das obras pode resultar numa exposição eficaz, onde os diálogos propostos facilitam a compreensão dos objetos expostos, ou num labirinto de ideias onde o visitante se sente perdido. (CINTRÃO, 2010 p. 15)

A forma expositiva de se apresentar coleções e obras de arte mudou ao longo dos anos. Nos primeiros *Salões parisienses* de arte no século XVII até o início do século XX, os trabalhos como pinturas e desenhos eram expostos nas paredes um no lado do outro, ocupando desde o piso do chão até o teto, separado apenas com as molduras. Eram divididos por temas, os mais importantes eram colocados antes, sendo eles: cenas mitológicas ou bíblicas, grandes acontecimentos históricos, depois os retratos de arquitetos, escultores, atores e músicos, depois as naturezas mortas e por último as paisagens.

Esse método acumulativo de exposição dos salões franceses foi herdado pelo Gabinete de Curiosidades [Kunst und Wunderkammer, Câmara de arte e de maravilhas], a partir de 1550,

> "[...] pequenas salas enciclopédias onde eram expostos objetos de toda espécie, como animais empalhados ou vivos, conchas, moedas, louças, esculturas, enfim produtos da natureza e do homem, muito difundido na Europa [...]" (CINTRÃO, 2010 p. 16).

No século XVI foram construídos edifícios para abrigar coleções nos países europeus, vários foram os colecionadores que construíram seus gabinetes de curiosidades, catalogavam seus objetos para a valorização de suas riquezas, um dos exemplos é o de Ferrante Imperato (1525-1615 Itália), nota-se que nessa

gravura “[...] o número de aves empalhadas, livros, conchas, animais marinhos, entre outros, localizados por todas as paredes, incluindo o teto.” (CINTRÃO, 2010 p. 20).

Imagem 30 - **Ritratto Del museo,** Ferrante Imperato, gravura em metal, 1599.

Fonte: Site Wikipédia.[21]

Anos depois em 1636, o artista Frans II Francken (1581-1642 Bélgica), faz uma ilustração que “[...] revela uma série de objetos, conchas e animais marinhos em meio a várias pinturas, entre retratos, paisagens e cenas religiosas” (CINTRÃO, 2010 p. 20), esse novo modo de expor as obras foi adotado pelos salões nas exposições anos depois.

Imagem 31- **Kunst und Raritätenjammer**, Frans II Francken, óleo sobre madeira, 74x78 cm, 1636.

Fonte: Site commons.wikimedia.[22]

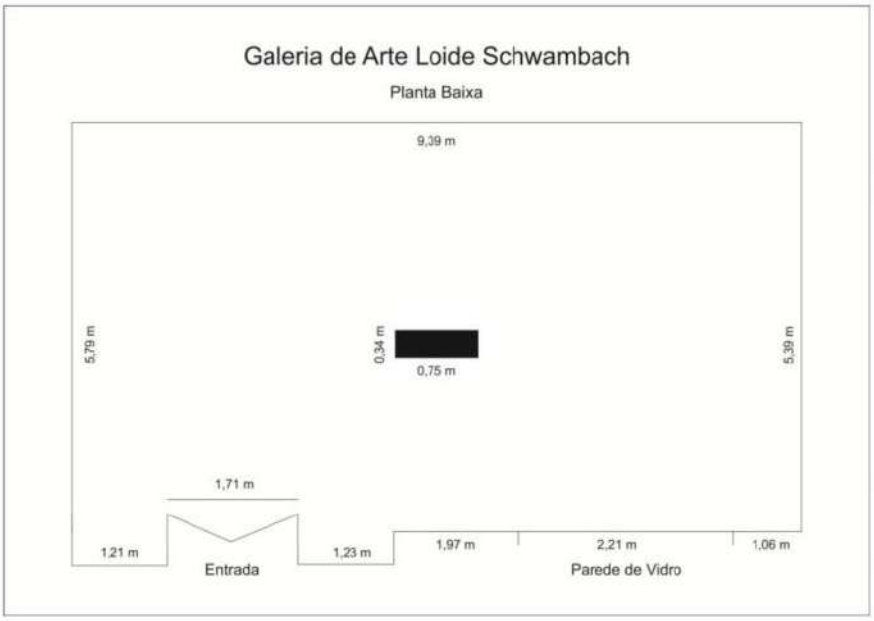
---

[21] Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Cabinet_of_curiosities>. Acesso 11 nov. 2014.

[22] Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Frans_Francken_(II),_Kunst-_und_Rarit%C3%A4tenkammer_(1636).jpg>. Acesso 12 nov. 2014.

O desenho de um projeto é fundamental para a percepção do espaço, porque constrói, estrutura e organiza uma proposta de exposição. As duas imagens abaixo são da Galeria Loide Schwambach facilitando a compreensão da exposição. As paredes da galeria são brancas, na entrada ficarão duas vitrines, a primeira com a caderneta de meu avô e a outra com a coleção de borboletas, na parede esquerda encontram-se os quadros moldurados com as gravuras das vegetações nativas. A galeria conta com duas paredes laterais, em uma delas apresento fotografias antigas e atuais em quadros com molduras branca, aleatoriamente colocadas em forma de acúmulo, não segue por mim uma linha de sequência. No lado direito ficará duas vitrines nelas serão expostas artefatos e elementos naturais. Nas paredes da direita exponho os quatro mapas emoldurados, as molduras da exposição são todas iguais. O som do áudio percorre todo o ambiente. As imagens abaixo mostram a planta da Galeria e do projeto da exposição[23].

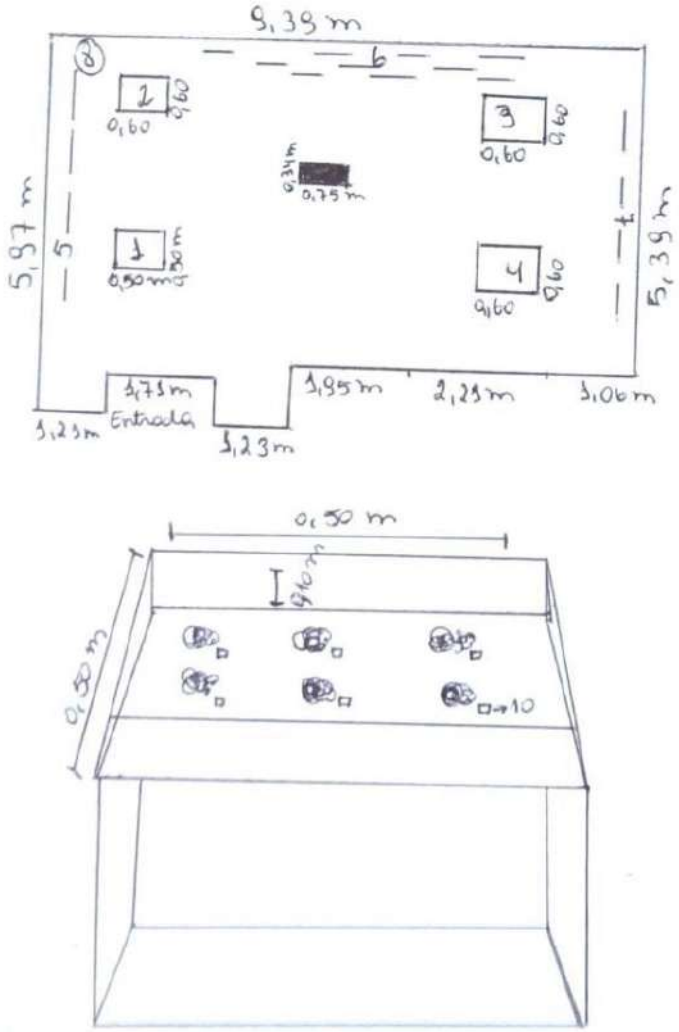
Imagem 32 – **Planta baixa da Galeria Loide Schwambach**, 2014.



Fonte: Fundarte – Fundação Municipal das Artes de Montenegro.

[23] Tendo em vista a complexidade da montagem de meu trabalho – o agrupamento de diferentes elementos, a confecção de vitrines e etiquetas – na visualização completa somente se efetiva no dia da defesa do trabalho de Conclusão de Curso. Sendo assim, pretendo acrescentar fotografias que registrem a montagem realizada na Galeria Loide Schwambach no exemplar do texto entregue à biblioteca da Uergs.

Imagem 33 - **Desenho do projeto da exposição na Galeria Loide Schwambach**, Andreia Salvadori, desenho sobre papel, 2014.



Fonte: Acervo pessoal

Projeto da exposição

1 - vitrine de vidro com a caderneta de meu avô 25x25x3 cm no cubo 100x50x50 cm.

2 - vitrine de vidro com a coleção de borboletas 50x50x10 cm no cubo 100x60x60 cm.

3- vitrine de vidro com os artesanatos 50x50x10 cm no cubo 100x60x60 cm.

4- vitrine de vidro com elementos naturais 50x50x10 cm no cubo 100x60x60 cm.

5 – gravuras das vegetações nativas.

6 – fotografias antigas e atuais.

7 – mapas de relevo seco com terras.

8 – áudio dos países.

9 – modelo de uma vitrine de vidro.

10 – etiquetas de metal para catalogação 2x6 cm.

Com isso:

> Os critérios para a formação de coleção dos gabinetes de curiosidades, sua catalogação e a maneira de mostrá-las era estabelecidos pelos colecionadores, que também cuidavam de explicar cada item de seus acervos aos amigos visitantes, fazendo, na época, o papel de vários profissionais exercem hoje: de pesquisador e curador a educador. (CINTRÃO, 2010 p. 20).

No primeiro momento quando olhei para o meu trabalho sendo construído lentamente e ganhando vida fui levada a vários lugares com diferentes reflexões, portanto, agora, me sinto diante de um novo Mapa Mundi, com muitas questões envolvendo a geografia, a economia, as culturas, a verdade *versus* a ficção, as viagens históricas, (re)criada, través de um espaço expositivo que se pode permear por diferentes caminhos.

6. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIAGEM

Ao concluir essa etapa do meu trabalho percebi o quanto foi importante a reflexão e a articulação entre o fazer artístico e a pesquisa teórica. Permitindo assim articular conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Artes Visuais. Nos capítulos *Planejar uma viagem e Embarque Imediato* desenvolveu-se o amadurecimento da ideia com minhas experiências que foi o ponto de partida para dar continuidade a este trabalho poético que se iniciou nas brincadeiras de infâncias, nos encontros religiosos e nos trabalhos desenvolvidos no decorrer do curso de graduação principalmente na disciplina de Linguagem e Expressão Pictórica IV, 2012-1, que começou minha pesquisa com o dialeto de três culturas no estado.

Para o meu trabalho, o conceito de cultura está entrelaçado com o autor Teixeira Coelho, e eu percebo que cultura para esse trabalho é tudo o que é produzido e reproduzido pelos pequenos e grandes povos nas coisas concretas, espirituais, artefatos, nos direitos e nos deveres, nas narrativas e no idioma.

No terceiro capítulo intitulado *Uma viagem sem sair do próprio lugar*, eu mergulhei nos livros *Dicionário de Lugares Imaginários* de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, *Le Guide des Cités* de Schuíten – Peeters, *Viagem ao Redor do meu Quarto* de Xavier de Maistre e as expedições artísticas e científicas realizadas pelos Artistas Viajantes. Nestas fontes, eu encontrei aventuras, acontecimentos literários, mapas, vegetações e cidades imaginadas, realizei assim várias viagens durante as leituras, e foi aqui que o trabalho foi nomeado como sendo o *Diário de uma viagem (Re)inventada,* para a formatação do diário entregue para os Professores de minha Banca, em algumas páginas formatei um *layout da página* com duas colunas de texto junto com as imagens propositalmente pensando no meu próprio diário de viagem. Cada capítulo tinha uma folha poliester transparente impressa algumas páginas da caderneta de meu avô com os estudos dos países. O tamanho que escolhi foi B5 (JIS) em folhas sulfite na cor creme (imagens nos anexos).

Os contatos diretos e indiretos, que tive com pessoas que moram em outros países foram norteadores para esse trabalho. Partindo desses contatos, ocorreram trocas de objetos e áudios das narrativas presentes na exposição como forma de apresentar meu diário de viagem reinventada. Está presente na escrita a investigação de conceitos de narrativa e ficção. As narrativas dos treze países que

participaram foi a base do trabalho e deram o sentido de como experimentar uma viagem sem sair de meu lugar. Realizei primeiramente minha viagem com essas narrativas, a partir do que me foi narrado, de um lugar que eu não conheço, e muitas delas por pessoas que eu não tive contato, realizando-se assim uma ficção sem fim a partir do momento em que eu mesma acreditei nessas ficções. Para escrever sobre narrativa não pude deixar de citar Walter Benjamim com o texto *O Narrador* fazendo relações com as narrativas e o trabalho manual. Se não narramos ou ouvimos histórias acabamos esquecendo-as, e ao ouvirmos muitas histórias, acabamos marrando-as sem percebermos.

A experiência de viajar, deslocar-se, permeou-se nitidamente entre o imaginário, a ficção, as leituras literárias, as narrativas e minhas criações. Com isso posso escrever que tive uma experiência singular em todo o meu trabalho, experiência essa que transpassa barreiras concretas e imaginárias.

Este *Diário de uma viagem (re)inventada* também foi pensado e organizado com representações visuais tais como gravuras e fotografias aliadas a objetos colecionados, sendo este conjunto mostrado em vitrines configurando um trabalho que ocorre como uma exposição. São tecidas relações desde os meus *mapas afetivos* até os mapas da artista Marina Camargo e dos Situacionistas, das gravuras até as coleções particulares.

No quarto capítulo *Conhecer um mundo (re)criado* realizo um trajeto através das obras *Museu de Águias* do artista Marcel Broodthaers, *Módulo Itinerante do Museu do Sabão e O colecionador de* Mabe Bethônico, o quadro pintado dentro do quadro com a narrativa de Goerges Perec, *Museu do Homem do Nordeste* do artista Jonathas de Andrade. Meu trabalho complementa-se com as coleções particulares de elementos naturais e artefatos. Durante o seu desenvolvimento, muito me perguntei o porquê do ato de colecionar, percebendo que este ato simples de juntar, separar, escolher, classificar, sempre me deu prazer e foi uma das formas para entender meus pensamentos e minhas vontades de realizá-lo. Utilizei os escritos de Krzysztof Pomian para uma coleção sendo o conjunto de objetos naturais ou artificiais, retirados do meio em que estavam e que agora quando expostos ao público possuem outra finalidade e valor. O conceito de coleção foi se formando aos

poucos em meu trabalho como um ato poético em trazer para a arte as minhas curiosidades guardadas afetivamente que agora se permitem estar num ambiente expositivo.

No quinto capítulo *Apresentar a vigem* foi um desafio perceber que eu estava caminhando por algo tão amplo ao propor uma exposição de minhas coleções partindo dos Gabinetes de Curiosidades em 1550. E para pensar mais especificamente numa exposição trouxe a ideia de Rejane Cintrão que escreve sobre a maneira de mostrar uma seleção de obras fazendo parte do curador, e eu fui curadora de minha exposição, porque eu decidi como montar, selecionar, expor as ideias, como eu poderia deixar as peças próximas que dialogasse entre si, como o espaço seria propício para minhas coleções, tudo isso para enriquecer a significação dos objetos expostos.

Identifico minha pesquisa como um processo que não se concluiu aqui, porque me desafia em continuar investigando e aprofundando as questões dentro da arte contemporânea. Pretendo continuar focando meu trabalho em coleções e nas narrativas dos países que por agora não tiveram participantes, com isso apresentar novas formas de exposições de minha viagem que estará sempre em contínuo desenvolvimento.

Finalizo observando que as proporções que meu trabalho atingiu representam para mim o reconhecimento efetivo de novos horizontes para a minha prática artística viajante, em que seguirei explorando meu diário de viagem visando dar continuidade ao presente estudo.

7. REFERÊNCIAS

ARCHER, M. **Arte Contemporânea:** Uma História Concisa. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2012.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CINTÃO, R. As montagens de exposições de arte: dos Salões de Paris ao MoMA. In: RAMOS, A. D. (org.) **Sobre o ofício do curador**. Porto Alegre, RS: Ed. Zouk, 2010, p. 15 – 41.

CHIARELLI, T. **Apropriações|Coleções**. Porto Alegre: Santander Cultural, 2002.

COELHO, T. **Dicionário Crítico de Política Cultural.** São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda, 1997.

COSTA, L. C. **O artista an-arquivista**: os dispositivos de coleção na arte contemporânea. Porto Alegre. Porto Arte, v.18, n.30, maio 2011, p.77 – 89.

ECKHOUT, A. **Presença da Holanda no Brasil**. Século XVII. Rio de Janeiro: 3ª edição, Edições Alumbramento, 1998.

JACQUES, P. B. **Apologia da Deriva:** escritos situacionistas sobre a cidade. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LEITURAS COMPARTILHADAS. Ano 3. Fascículo 9. Revista de in-formação para agentes de leitura Programa de leitura Leia Brasil. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/pdf/viagens.pdf>. Acesso em: 20 out. 2014.

MAISTRE, X. **Viagem ao redor de meu quarto**. Trad. de Armindo Trevisan. Porto Alegre. Ed. Mercado Aberto, 1998.

MANGUEL, A. **Dicionário de Lugares Imaginários** / Alberto Manguel; Gianni Guadalupi. Ilustr. de Graham Greenfield e Eric Beddows; mapas e plantas de James Cook; Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PEREC, G. **A coleção particular**. Trad. de Ivo Barros. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

POMIAN, K. Coleção. In: GIL, F. **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51- 86.

SCHUITEN,F. ;PEETERS, B. **Les Guide des Cités**. Paris: Casterman, 2011.

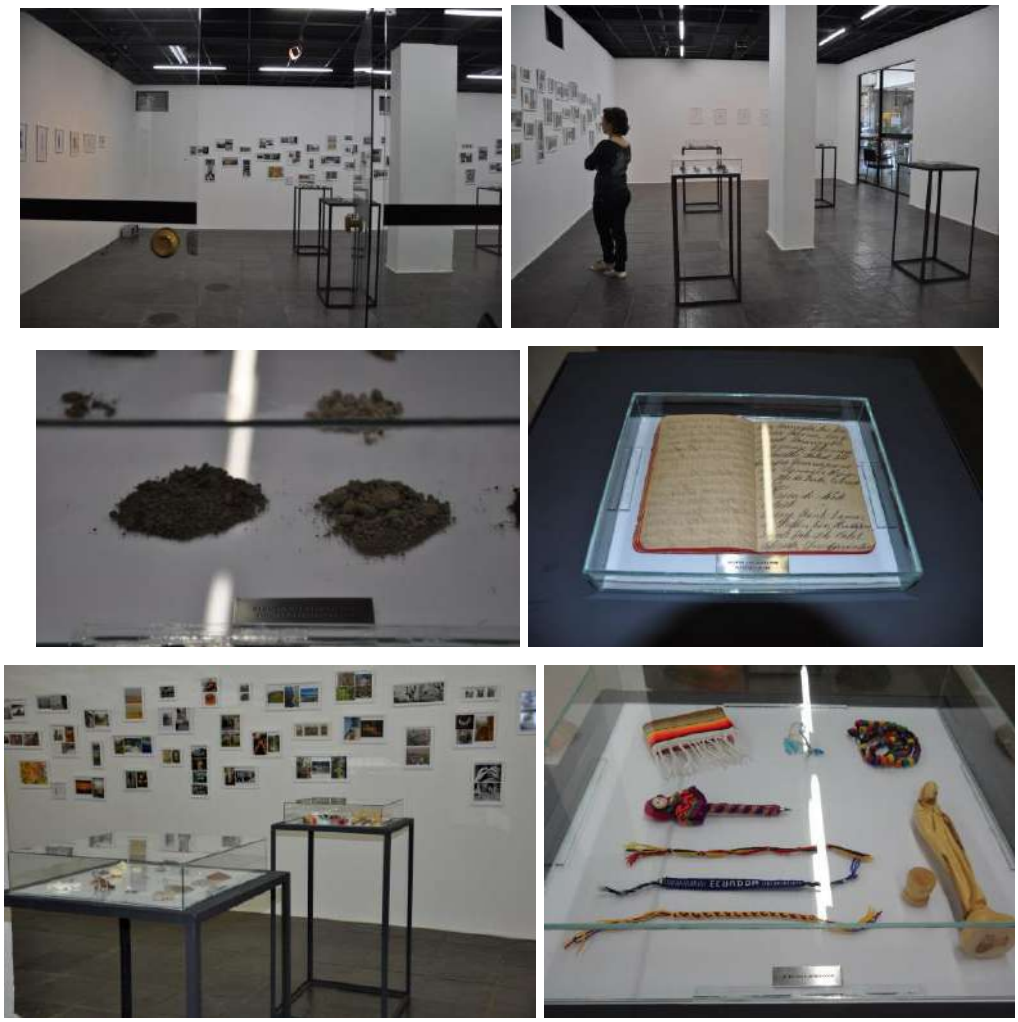
8º Bienal do Mercosul: **ensaios de geopoéticas:** catálogo. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

8. ANEXOS

Imagem 34– **O Diário da viagem (re)inventada**, Andreia Salvadori, fotografia, 2014.

Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 35 – **Exposição para a defesa da Banca no dia 04 de dezembro de 2014 na Galeria Loide Schwambach**, Andreia Salvadori, fotografia, 2014.



Fonte: Acervo pessoal.